

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho

Alexandre Lisboa Murrer

IMPACTOS DOS CICLOS ECONÔMICOS NA CRIAÇÃO DE EMPREGO NO
SETOR TURÍSTICO MINEIRO

Belo Horizonte

2019

Alexandre Lisboa Murrer

IMPACTOS DOS CICLOS ECONÔMICOS NA CRIAÇÃO DE EMPREGO NO
SETOR TURÍSTICO MINEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Administração Pública da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental.

Orientador: Claudio Burian Wanderley

Belo Horizonte

2019

M984a Murrer, Alexandre Lisboa.
Impactos dos ciclos econômicos na criação de emprego no setor turístico mineiro [manuscrito] / Alexandre Lisboa Murrer. – 2019.

[14], 72 f. : il.

Monografia de conclusão de Curso (Graduação em Administração Pública) – Fundação João Pinheiro, Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, 2019.

Orientador: Claudio Burian Wanderley

Bibliografia: f. 76-79

1. Turismo – Minas Gerais. 2. Emprego – Minas Gerais. 3. Economia – Minas Gerais. I. Wanderley, Claudio Burian. II. Título.

CDU 379.85(815.1)

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho

Alexandre Lisboa Murrer

**IMPACTOS DOS CICLOS ECONÔMICOS NA CRIAÇÃO DE EMPREGO NO
TURÍSTICO MINEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Administração Pública da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental.

Prof. Dr. Claudio Burian Wanderley (Orientador) – Fundação João Pinheiro

Prof. Dr. Raimundo de Sousa Leal Filho (Avaliador) – Fundação João
Pinheiro

Prof. Dr. Marcos Antônio Nunes (Avaliador) – Fundação João Pinheiro

Belo Horizonte, 17 de junho de 2019.

Para Carol e Benício.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, preciso agradecer àqueles que estão sempre comigo: minha família. Principalmente, meus pais que proporcionaram o caminho para chegar até aqui.

Preciso agradecer também o meu orientador, Claudio Burian, pela paciência e os conhecimentos passados.

Aos meus dois tutores da SETUR, Thalita e Rafael, por terem me recebido tão bem na Cidade Administrativa e por possibilitarem um ambiente para que esse projeto fosse realizado.

“The price of freedom is high; it always has been. And it's a price I'm willing to pay.
And if I'm the only one, then so be it. But I'm willing to bet I'm not” (Steve Rogers)

RESUMO

O desemprego afeta a vida das pessoas sob diferentes aspectos. A compreensão deste fenômeno e dos principais fatores que se relacionam a ele é fundamental para o sucesso das políticas públicas. Pensando no potencial turístico do estado de Minas Gerais, esse trabalho teve como objetivo analisar o setor turístico em Minas Gerais como gerador de empregos nas diversas fases do ciclo econômico e o perfil desse emprego. Para isso é realizada uma separação dos trabalhadores pelo nível educacional e pelo sexo e proposto um modelo econométrico para mensurar os efeitos de variáveis sobre os diferentes tipos de trabalhadores. Existem fortes indícios que o setor turístico se comporta de maneira cíclica e, portanto, cresce em momentos de expansão econômica.

Palavras-chave: Desemprego. Ciclos Econômicos. Desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

Unemployment affects people's lives under different aspects. The understanding of this phenomenon and the main factors that relate to it is fundamental to the success of public policies. Considering the touristic potential of the state of Minas Gerais, this work aimed to analyze the tourism sector in Minas Gerais as a generator of employment in the various phases of the economic cycle and the profile of this job. For this it is done a separation of workers by educational level and by gender and proposed an econometric model to measure the effects of variables on the different types of workers. There are strong indications that the tourist sector behaves in a cyclical manner and therefore grows in moments of economic expansion.

Keywords: Unemployment. Economic cycles. Economic development.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Extrema Pobreza Mundial de 1820 até 2011.....	16
GRÁFICO 2 - Variação do PIB da URSS 1885 a 2009.....	19
GRÁFICO 3 - Chegada de turistas estrangeiros ao Brasil – 2003/2016.....	25
GRÁFICO 4 - Variação do PIB e PIB per capita do Brasil 2008 a 2017.....	26
GRÁFICO 5 - Variação do PIB e PIB per capita do Brasil 2000 a 2017.....	41
GRÁFICO 6 - Participação de Minas Gerais no PIB brasileiro e taxas de crescimento real do PIB (%) – Minas Gerais e Brasil – 2002-2016.....	44
GRÁFICO 7 - Valor Adicionado do Turismo em MG (milhões de reais)	45
GRÁFICO 8 - Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado – Minas Gerais – 2010-2014 – (%)	46
GRÁFICO 9 - Empregados do Turismo e sua representatividade em Minas Gerais – 2011-2017.....	47
GRÁFICO 10 - Empregados analfabetos do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017.....	49
GRÁFICO 11 - Representatividade empregados analfabetos do Turismo – 2008 x 2017.....	50
GRÁFICO 12 - Empregado com ensino fundamental incompleto do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017.....	51
GRÁFICO 13 - Empregado com ensino fundamental completo do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017.....	52
GRÁFICO 14 - Empregado com ensino médio incompleto do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017.....	53
GRÁFICO 15 - Empregado com ensino médio completo do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017	54
GRÁFICO 16 - Representatividade empregados com ensino médio completo do turismo, 2008 = 100 – 2008 x 2017.....	55
GRÁFICO 17 - Empregado com ensino superior incompleto do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017	56
GRÁFICO 18 - Empregado com ensino superior incompleto do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017	57

GRÁFICO 19 - Variação da representatividade dos empregados entre 2008 e 2017.....	58
GRÁFICO 20 - Empregado com pós-graduação do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017	59
GRÁFICO 21 - Empregado do sexo masculino do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017	60
GRÁFICO 22 - Representatividade empregados do sexo masculino do turismo – 2008 a 2017.....	61
GRÁFICO 23 - Empregado do sexo feminino do Turismo, 2008 = 100 – 2008 a 2017.....	62
GRÁFICO 24 - Representatividade empregados do sexo feminino do turismo – 2008 a 2017.....	63

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Participação percentual do Valor Adicionado, dos Impostos e do Produto Interno Bruto (PIB) de Minas Gerais no Valor Adicionado, dos Impostos e do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil - 2010-2015.....	18
TABELA 2 - Resultado regressão – Empregos turísticos MG x Desemprego MG; câmbio real-dólar; IBC-MG.....	64
TABELA 3 - Resultado regressão – Empregos turísticos BR x Desemprego BR; câmbio real-dólar; IBC-BR.....	65
TABELA 4 - Resultado regressão – Empregos turísticos MG x Desemprego MG; separados por grau de instrução e sexo.....	66
TABELA 5 - Resultado regressão – Empregos turísticos BR x Desemprego BR; separados por grau de instrução e sexo.....	67
TABELA 6 - Resultado regressão – Empregos turísticos MG x taxa de câmbio; separados por grau de instrução e sexo.....	68
TABELA 7 - Resultado regressão – Empregos turísticos BR x taxa de câmbio; separados por grau de instrução e sexo.....	68
TABELA 8 - Resultado regressão – Empregos turísticos MG x índice IBC-MG; separados por grau de instrução e sexo.....	69
TABELA 9 - Resultado regressão – Empregos turísticos BR x índice IBC-BR; separados por grau de instrução e sexo.....	70
TABELA 10 - Resultado Regressão Analfabetos MG.....	78
TABELA 11 - Resultado Regressão Até 5º Incompleto MG.....	78
TABELA 12 - Resultado Regressão 5º Fundamental Completo MG.....	78
TABELA 13 - Resultado Regressão 6º a 9º Fundamental MG.....	79
TABELA 14 – Resultado Regressão Fundamental Completo MG.....	79
TABELA 15 - Resultado Regressão Médio Incompleto MG.....	79
TABELA 16 - Resultado Regressão Médio Completo MG.....	80
TABELA 17 - Resultado Regressão Superior Incompleto MG.....	80
TABELA 18 - Resultado Regressão Superior Completo MG.....	80
TABELA 19 - Resultado Regressão Sexo Feminino MG.....	81
TABELA 20 - Resultado Regressão Sexo Masculino MG.....	81
TABELA 21 - Resultado Regressão Total MG.....	81

TABELA 22 - Resultado Regressão Analfabetos BR.....	82
TABELA 23 - Resultado Regressão Até 5º Incompleto BR.....	82
TABELA 24 - Resultado Regressão 5º Fundamental Completo BR.....	82
TABELA 25 - Resultado Regressão 6º a 9º Fundamental BR.....	83
TABELA 26 – Resultado Regressão Fundamental Completo BR.....	83
TABELA 27 - Resultado Regressão Médio Incompleto BR.....	83
TABELA 28 - Resultado Regressão Médio Completo BR.....	84
TABELA 29 - Resultado Regressão Superior Incompleto BR.....	84
TABELA 30 - Resultado Regressão Superior Completo BR.....	84
TABELA 31 - Resultado Regressão Sexo Feminino BR.....	85
TABELA 32 - Resultado Regressão Sexo Masculino BR.....	85
TABELA 33 - Resultado Regressão Total BR.....	85

LISTA DE SIGLAS

ACT	Atividades Características do Turismo
FJP	Fundação João Pinheiro
IBC	Índice de Atividade Econômica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PAEG	Plano de Ação Econômica do Governo
PIB	Produto Interno Bruto
PNMT	Plano Nacional de Municipalização do Turismo
PNT	Plano Nacional de Turismo
WTTC	Conselho Mundial de Viagens e Turismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TURISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS	21
2.1	Breve histórico do turismo.....	21
2.2	Turismo em Minas Gerais.....	26
2.3	Segmentação Turística.....	29
2.4	Turismo na Economia e Emprego	30
2.5	Atividades Características do Turismo	32
3	CONCEITOS BÁSICOS SOBRE ECONOMIA, EMPREGO E CICLOS ECONÔMICOS	34
3.1	Ciclo econômico.....	34
3.2	Taxa de crescimento do PIB	36
3.3	Taxa de Desemprego	36
3.4	Taxa de Juros	37
3.5	Inflação.....	38
3.6	Taxa de Câmbio.....	38
3.7	Índice de Atividade Econômica Regional	39
4	METODOLOGIA.....	40
5	DADOS GERAIS	43
5.1	Economia Mineira e o turismo hoje.....	43
5.2	Primeira análise dos dados de emprego.....	47
5.2.1	Analfabetos.....	48
5.2.2	Ensino Fundamental Incompleto	50
5.2.3	Ensino Fundamental Completo.....	51
5.2.4	Ensino Médio Incompleto	52
5.2.5	Ensino Médio Completo.....	53
5.2.6	Ensino Superior Incompleto.....	55
5.2.7	Ensino Superior Completo.....	56
5.2.8	Pós-Graduação.....	58
5.2.9	Sexo Masculino	59
5.2.10	Sexo Feminino.....	61
6	ANALISANDO ECONOMETRICAMENTE OS IMPACTOS DA VARIAÇÃO DO CICLO ECONÔMICO NO SETOR TURÍSTICO.....	64
6.1	Coeficiente do Desemprego.....	66

6.2	Coeficiente do Câmbio	67
6.3	Coeficiente IBC.....	69
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS.....	74
	APENDICE A.....	78

1 INTRODUÇÃO

O vínculo entre turismo e desenvolvimento econômico é comum tanto na literatura quanto nas políticas planos governamentais. Acreditando no seu potencial de criação de emprego e renda, governos ao redor do mundo objetivam estimular cada vez mais essa atividade em seu país. Existem inúmeros estudos que reforçam essa teoria: Organização das Nações Unidas (ONU), OMT (Organização Mundial do Turismo), Banco Mundial e outros organismos oficiais (como a Embratur e o Ministério do Turismo, no Brasil).

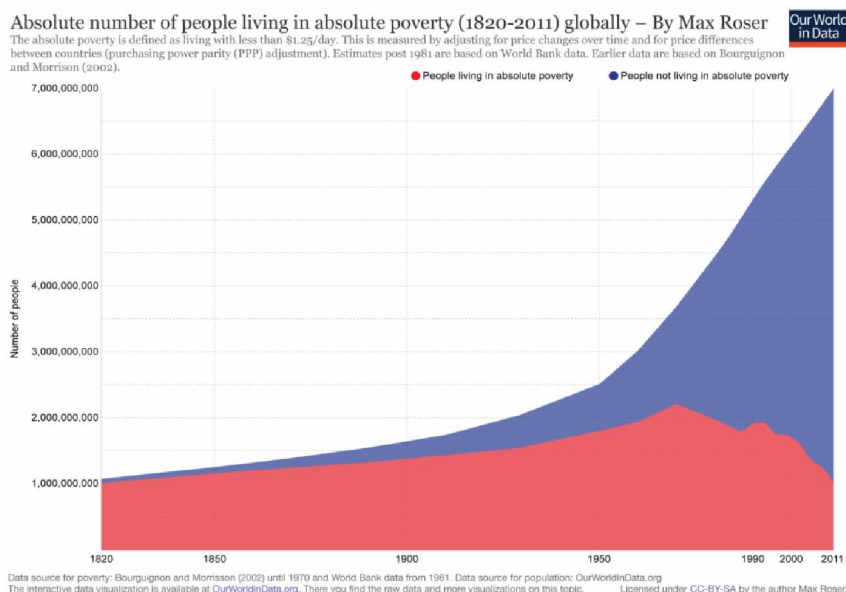
A atividade turística pode acionar novos processos de produção e amenizar as desigualdades regionais e sociais porque tem a peculiaridade de gerar vagas em áreas com desemprego estrutural, como centros de cidades e áreas rurais (SEDETUR, 2004, p. 22).

Scótoló e Neto (2015) ressaltam que nas últimas décadas é cada vez mais comum que países, estados e municípios recorram ao turismo como estratégia de desenvolvimento, pois esta é uma das indústrias que mais cresceu no mundo neste período.

O turismo cresceu graças a fatores como a relativa paz pós-Segunda Guerra, a prosperidade, o aumento da população, a urbanização, a industrialização, a expansão do nível de negócio, maior disponibilidade de renda, a ampliação do tempo livre e, por fim, os avanços tecnológicos (MATIAS e NIJKAMP, 2011). A redução da pobreza nos últimos séculos foi grande fator para isso (Gráfico 1). Ao mesmo tempo que as atividades turísticas apresentariam uma elevada elasticidade-renda de sua demanda¹, os custos de transporte e comunicação diminuiriam muito nas últimas décadas (TRIGO, 1995).

¹ Elasticidade-Renda da demanda mede a variação percentual na quantidade demandada de um bem dado uma variação percentual na renda do consumidor

Gráfico 1 – Extrema Pobreza Mundial de 1820 até 2011



Fonte: Our World in Data, 2015.

Os países considerados menos desenvolvidos apresentam grandes investimentos no turismo em função do sucesso econômico que os países desenvolvidos têm e tiveram com o turismo nas últimas décadas. A principal causa desse sucesso se dá pelo efeito multiplicador do turismo² que o esse tipo de atividade possui, desde o aumento do emprego e produção, até por meio de divisas estrangeiras e de capital – que possibilita maiores lucros e inovações no setor. (RUSCHMANM, 2005).

O turismo é uma atividade econômica marcante e relevante nas sociedades emergentes e se torna, cada vez mais, um setor gerador de riquezas e empregos, envolvendo diversas profissões (MATIAS e NIJKAMP, 2011). Essa atividade é considerada de grande relevância, e está em uma tendência crescente, a despeito das grandes crises financeiras que acometem o mundo, sendo muitas vezes considerada a chave para o desenvolvimento, prosperidade e bem-estar (OMT, 2015).

² O efeito multiplicador no turismo é o provocado pelos gastos dos turistas, em bens e serviços consumidos na localidade visitada, aumentando a geração de novos empregos e da renda. Ele pode ser avaliado pelo grau, por meio do qual o dinheiro gasto pelos turistas, permanece na região, para ser reciclado por meio da economia local (KEYNES, 1988 apud DA SILVA, 2004).

O turismo é incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industrializadas (RODRIGUES, 1996, p.17).

Por conseguinte, regiões menos desenvolvidas aplicam da vocação do turismo para fins econômicos com o objetivo de impulsionar a sua economia local. Um dos exemplos mais citados por Araújo (1998), é o nordeste brasileiro, que tem a região turística - seu litoral - considerada mais desenvolvida que o restante. Portanto é necessário observar que o desenvolvimento turístico é uma saída para situações de pouca prosperidade por diversos fatores:

- O turismo é um multiplicador do crescimento, sempre acima dos índices médios de crescimento econômico;
- O turismo é intensivo em mão de obra, com impactos positivos na redução da violência no país;
- O turismo é uma porta de entrada para os jovens com diferentes níveis de qualificação no mercado de trabalho;
- O turismo ajuda a fortalecer a identidade do povo e contribui para a paz ao integrar diferentes culturas (BRASIL, 2007, p. 15).

Nesse sentido, os países em desenvolvimento apostam no turismo como um setor capaz de incrementar sua economia a partir das vantagens desse setor. O Brasil é um desses exemplos, com uma vasta beleza natural e um potencial gigantesco, por isso o turismo se apresenta como saída para o crescimento de diversas localidades.

Minas Gerais atualmente é um dos membros da federação com uma das maiores crises financeiras nacionais - com um orçamento deficitário, que apresenta um déficit previdenciário de mais de 16 bilhões, segundo diagnóstico do ex-governador Fernando Pimentel. O estado se encontra hoje numa situação de parcelamento salarial dos servidores, paralisação das obras públicas e incapacidade de investimentos estatais. Para isso se torna necessário prever outras formas de atrair recursos e investimentos para o Estado.

Segundo o jornal Estado de Minas (2018), o desemprego em Minas cresceu mais de 75% entre 2014 e 2018 - foram quase 300 mil empregos formais que deixaram de existir nesse período. A participação de Minas na economia nacional perdeu

relevância entre os anos de 2012 e 2015. Houve uma redução de mais de 0,53 pontos percentuais (p.p) da participação do estado no PIB nacional.

Tabela 1 - Participação percentual do Valor Adicionado, dos Impostos e do Produto Interno Bruto (PIB) de Minas Gerais no Valor Adicionado, dos Impostos e do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil (2012 a 2015)

Especificação	2012	2013	2014	2015
Valor adicionado	9,45	9,42	9,13	8,87
Impostos líquidos de subsídios	7,66	7,61	7,75	7,37
PIB	9,19	9,15	8,94	8,66

Fonte: FJP, Diretoria de Estatística e Informações, Sistema de Contas Regionais de Minas Gerais; IBGE, Sistema de Contas Nacionais (2012 a 2015).

Em relação ao turismo em Minas Gerais, o estado possui um vasto potencial turístico: aliando cultura, história, tradição e uma vasta natureza. O estado também possui uma culinária característica, as famosas cidades históricas e uma grande variedade de manifestações artísticas. Nesse cenário de crise, é importante entender como os empregos turísticos se comportam e seu nível de importância para a economia local para pensar em políticas públicas efetivas.

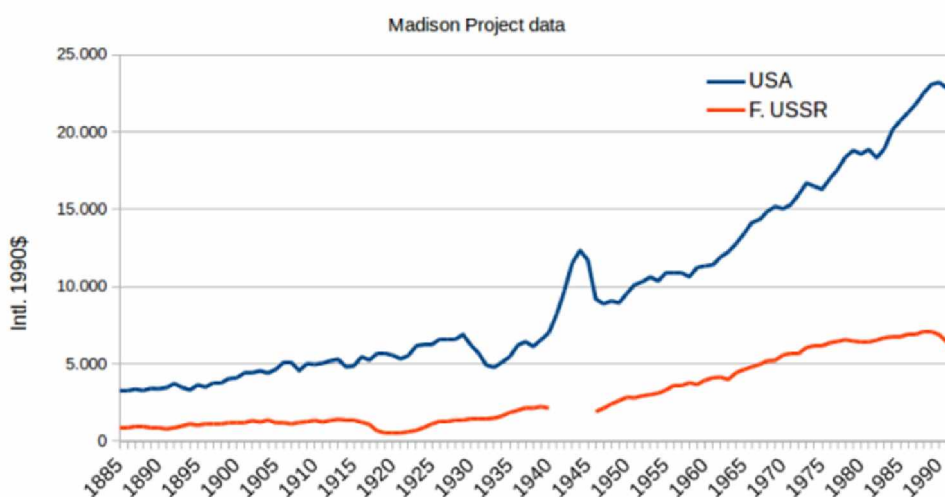
Nos últimos anos, a atividade turística contribuiu cada vez mais para o desenvolvimento econômico nacional. Segundo um estudo da WTTC (2017), no ano de 2016, o setor turístico foi responsável por 8,5% do PIB no país e cresceu nos últimos 20 anos mais de 50%. Em 2017, o turismo mundial superou as expectativas de crescimento, com 1.322 bilhão de viajantes internacionais, o que significa um aumento de 7% com relação a 2016, representando o melhor resultado em sete anos (OMT, 2018).

O setor turístico, porém, não é imune às consequências das políticas macroeconômicas e dos ciclos econômicos que toda economia possui. Nesse estudo da WTTC, mostra-se a evolução ano a ano da participação do setor no PIB, uma evolução não constante entre 2008 e 2016, com quedas e retomadas do setor. Essa inconstância é uma das motivações para a realização desse trabalho: entender como o setor se comporta em cenários de recessão econômica e de expansão econômica, as variações do ciclo econômico. Adicionalmente, busca-se entender isto para o setor

especificamente em Minas Gerais, ou seja, identificar se o setor no estado se comporta tal qual a economia em nível federal ou não.

Ciclos econômicos referem-se às flutuações da atividade econômica, que variam entre períodos de expansão e períodos de estagnação e declínio. Não existe uma explicação universal para as causas dessa flutuação, mas todas economias apresentam esse padrão: desde a antiga URSS (a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) até os Estados Unidos (EUA) atuais. No gráfico 2 podemos ilustrar as variações do PIB de ambos países, por exemplo em 1965, com um aumento dos EUA e uma redução da URSS.

Gráfico 2 - Crescimento do PIB da URSS e dos EUA 1885 a 1990



Fonte: Madison Project Data, 2016

As variações desse ciclo criam diversas consequências na economia e na sociedade e uma delas é a variação no emprego. Essa variação é distinta para cada setor, dependendo do momento e lugar. Se o desemprego no setor é baixo durante a fase de expansão da economia, trata-se de um setor cíclico, ou seja, se o desemprego é alto durante a expansão econômica considera-se o setor como contra cíclico. Existe também os setores acíclicos com movimento independente. Essa lógica é expandida para variáveis de controle como taxa de desemprego, taxa de juros, taxa de câmbio, entre outros (ROCHA, 2015).

Essa variação no nível de emprego ocorre pelas variações na demanda por tal serviço ou produto, o que pode variar de setor para setor. O setor turístico sofre influência nas variações do ciclo e a capacidade de emprego do setor pode ser ampliada ou reduzida a partir do momento do ciclo. (NICOLELLA, 2012)

Dessa forma, a partir da importância do turismo como mecanismo de crescimento econômico, estabeleceu-se a necessidade de entender mais sobre o comportamento desse setor localmente, em Minas Gerais, para que pudesse ampliar o conhecimento sobre tal situação, de modo que possibilite subsidiar as decisões futuras dos interessados que buscam maximizar o desenvolvimento do turismo no estado e no Brasil.

Estabelece-se, portanto, o seguinte problema norteador desse trabalho de pesquisa: como os empregos gerados no setor turístico mineiro são influenciados pelos ciclos econômicos? Os ciclos observados desse setor são cíclicos ou contra cíclicos?

Para conseguir responder a esta pergunta, estruturou-se este trabalho em partes distintas. Na primeira, discute-se o setor turístico e suas características, analisando suas relações com emprego, economia, além de ser feito um breve histórico nacional e mineiro. Na segunda, serão abordados conceitos básicos sobre economia. No capítulo seguinte será descrita a metodologia da pesquisa. No quarto capítulo será feita uma análise do cenário econômica mineiro com foco especial sobre o turismo. Na quinta parte, será feita na análise econométrica sobre o impacto das flutuações do ciclo econômico nos empregos turísticos. Ao final, será feito um capítulo sobre as considerações finais.

2 TURISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

2.1 Breve histórico do turismo

Para Andrade (1995), o turismo é uma atividade social que começa com as viagens dos jovens aristocratas para viagens de estudo desde o início do século XVIII. Outros acreditam que é uma atividade ainda mais remota, mesmo que organizada e pensada de forma diferente, como Boiteux & Werner (2009) mostram:

A Grécia antiga registrava viagens organizadas para a participação em jogos olímpicos, e o Império Romano, as primeiras viagens de lazer dos nobres que queriam visitar os grandes templos. Na Idade Média, observa-se o hábito da nobreza, que começa a enviar seus filhos para estudar nos grandes centros europeus, nascendo os primórdios do chamado “intercâmbio cultural” (BOITEUX & WERNER, 2009, p.3).

O turismo como estrutura organizada só viria a nascer, realmente, após os benefícios tecnológicos da revolução industrial e de uma crescente burguesia industrial e comercial. Barreto (1991) narra que Thomas Cook foi o primeiro, em 1841, a organizar o turismo como uma atividade comercial em si, vendendo bilhetes e terceirizando guias turísticos.

Segundo Acerenza (1984), a atividade turística começou a se desenvolver com maior velocidade no fim do século XIX e início do século XX com a criação de diversos circuitos turísticos na Europa e Estados Unidos. A crise de 1929 e as duas grandes guerras mundiais foram empecilhos em seu desenvolvimento até a metade do século. A primeira reduziu o poder financeiro do povo enquanto a Guerra trouxe destruição em massa, crises financeiras e pobreza até dos principais destinos turísticos europeus. Mas foi a partir das tecnologias desenvolvidas durante a Segunda Guerra Mundial e ao crescimento da renda das camadas mais populares que o turismo voltou a crescer com o chamado “Turismo de Massa”. Mais recentemente o turismo sofreu outro grande incentivo com o crescimento do direito ao lazer e férias remuneradas.

Segundo Barreto (1991), o setor do turismo sofreu uma grande transformação nos últimos anos, substituindo a condição de uma atividade da elite para a população como um todo, se tornando uma atividade mais comum. Como consequência, o turismo se torna uma grande fonte de retorno financeiro da maioria das regiões. O turismo, desde a Segunda Guerra Mundial, cresce mais do que a

economia como um todo. A socialização do turismo tem relação com o processo da ampliação da atuação do Estado e da sua relação com a sociedade no século XX. O Welfare State, consolidado após a Segunda Guerra Mundial, foi vital para isso com a regulação do trabalho, férias remuneradas e aposentadoria. Lickorish e Jenkins (2000, p.37) mostram:

[...] os anos pós-guerra, de 1945 até os dias de hoje, foi um período de revolução tecnológica; na verdade, uma segunda revolução industrial. Com isso, houve um aumento maciço na riqueza e na renda disponível, em conjunto com as mudanças de repercussão igualmente grande no comportamento e no estilo de vida. A velocidade, bem como a escala da mudança, foi a maior de todos os tempos. Do mesmo modo, foi um período de grande crescimento da indústria de viagens nos países mais ricos e industrializados do mundo. O transporte e outras formas de comunicação, em especial a televisão, reforçaram ainda mais os fatores econômicos que favorecem a expansão do turismo, com propagandas constantes sobre os interesses e as variedades de atrações dos países estrangeiros. Gradualmente, apelo comercial pelos destinos internacionais superou o interesse pelo produto interno e pela vontade de ficar em casa. Nos países mais ricos, a população passou a viajar mais. As empresas automobilísticas expandiram estrondosamente.

Segundo a World Travel & Tourism Council (2017), a atividade turística se consolidou por uma grande movimentação de recursos financeiros e não financeiros no mundo todo e cada vez mais se consolida como uma atividade econômica estrutural em muitas economias mundiais e de suma importância para países em desenvolvimento como forma de ampliar e diversificar a economia. De forma que o turismo foi responsável por mais de 10% do PIB global e quase 10% da geração de empregos no mundo no ano de 2017.

É difícil datar o início da atividade turística em solo brasileiro, mas uma excelente referência do desenvolvimento da atividade turística organizada, segundo Ignarra (2001), é a vinda de D. João VI com sua corte para o Rio de Janeiro, em 1808, tornando o Rio um polo - criando hotelarias e restaurantes para receber o fluxo crescente de nobres e diplomatas que vinham visitar a coroa.

Ainda segundo o mesmo autor, no meio do século já existia, no Rio de Janeiro, mais de 200 estabelecimentos entre hotéis, pousadas e restaurantes. Com as inovações vindas, com os investimentos do Barão de Mauá, favoreceu-se o deslocamento dentro do território brasileiro, incentivando ainda mais o turismo nacional. O empreendedor recebeu em 1852, a concessão do Governo Imperial para

a construção e exploração de uma linha férrea, no Rio de Janeiro, entre o Porto de Estrela e Petrópolis. Os investimentos do Império foram vitais para tal conquista. O desenvolvimento das ferrovias e a entrada para o “interior” brasileiro auxiliaram o crescimento e desenvolvimento ainda mais rápido dessa região do país.

As primeiras iniciativas que estabeleceram normas legais sobre o turismo são da década de 30, pós crise de 1929. O turismo como política pública, surge, pela primeira vez, durante o governo Castelo Branco, no âmbito do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) em 1966 (NETTO e TRIGO, 2009).

O desenvolvimento do turismo nacional se deu a partir dos anos 70, no auge da ditadura militar. Netto e Trigo (2009) afirmam que o investimento do turismo - financiamento hoteleiro e marketing agressivo - foi parte da tentativa de incentivar o nosso turismo, mas que não foi tão efetivo devido à crise do petróleo. Os militares com seu discurso saudosista e nacionalista, aliado às conquistas esportivas da Copa do Mundo de futebol em 1970 e dos títulos de Emerson Fittipaldi na Fórmula 1, usavam do turismo como outra forma de conquistar o povo a se conectar com o país.

Ainda na obra de Netto & Trigo (2009), os autores explicam que a abertura comercial que começou com o governo de Fernando Collor e que continuou nos dois governos de Fernando Henrique foi outro grande ponto que ajudou o crescimento do turismo brasileiro. O Plano Nacional de Municipalização do Turismo, criado durante o governo Itamar Franco, inicia o processo da construção de uma diretriz nacional para a política do turismo no país. Também explicam que de forma indireta, o Plano Real foi vital para o crescimento dessa modalidade de economia. Ao extinguir a hiperinflação que assolava os brasileiros por anos, o governo permitiu que a população pudesse direcionar seus recursos para outras formas de consumo e o turismo foi um deles. Em 1994 é lançado o PNMT – Plano Nacional de Municipalização do Turismo, que buscava incentivar os municípios a buscarem o turismo como uma saída econômica.

Com o primeiro governo do ex-presidente Lula, houve a criação do Ministério do Turismo e do Plano Nacional de Turismo, que auxiliaram a desenvolver o turismo brasileiro e torná-lo mais acessível ao povo, trazendo-o com caráter informativo e, assim, aproximando-o do público. A conjuntura econômica brasileira no início do século XXI permitiu que o governo, junto com a iniciativa privada e a

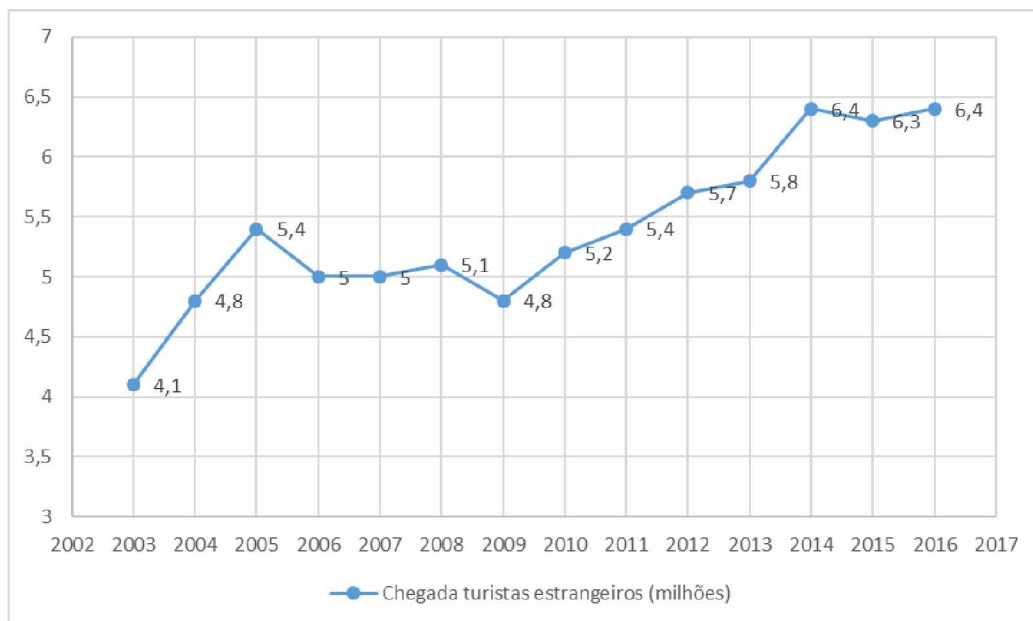
sociedade civil, percebesse a necessidade de investimentos mais sofisticados no setor de turismo.

O primeiro Plano Nacional de Turismo (PNT) apontava diversos obstáculos ao pleno desenvolvimento da atividade no país, como a insuficiência de dados e informações sobre o setor; a falta de qualificação profissional; a regulamentação inadequada da atividade; a superposição dos dispositivos legais, nas várias esferas públicas. Esse trabalhava com as diretrizes de:

- Criar condições para gerar 1,2 milhão de novos empregos e ocupações;
- Aumentar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil;
- Gerar 8 bilhões de dólares em divisas;
- Aumentar para 65 milhões a chegada de passageiros nos voos domésticos;
- Ampliar a oferta turística brasileira, desenvolvendo, no mínimo, três produtos de qualidade em cada estado da Federação e Distrito Federal (BRASIL, 2003, p. 23).

As estratégias definidas no PNT 2007/2010, o segundo Plano Nacional de Turismo, indicavam que o turismo iria “passo a passo ocupando a posição que todos sempre aguardaram desse setor: o de importante ator na economia nacional, seja pela sua marcante participação no PIB, seja como forte mercado empregador” (BRASIL, 2007, p. 8). No PNT 2013-2016 reafirmou-se a capacidade do turismo de alavancar e contribuir para a consolidação do desenvolvimento, agora intitulado de socioeconômico equilibrado. Novos elementos são adicionados ao conteúdo do plano, como a preocupação com a proteção do meio ambiente e o uso economicamente sustentável. O Plano Nacional do Turismo de 2018-2022 previu alcançar, até 2022, resultados como o aumento da chegada de estrangeiros de 6,6 milhões para 12 milhões e a ampliação da receita cambial do turismo dos atuais US\$ 6,6 bilhões para US\$ 19 bilhões.

Gráfico 3 – Chegada de turistas estrangeiros ao Brasil em milhões (2003 a 2016)

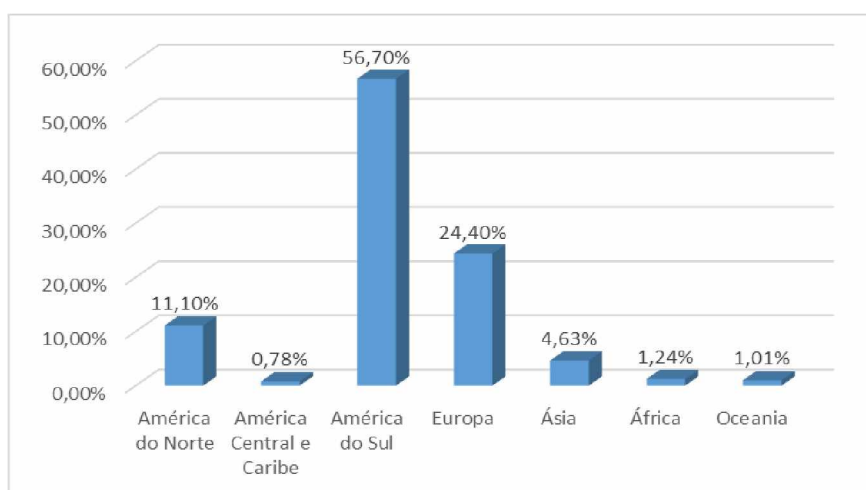


Fonte: Dados básicos: Ministério do Turismo (BRASIL, 2017).

Elaboração: própria.

Hoje, o Brasil é consolidado um dos maiores destinos turísticos do América do Sul. Segundo o Ministério do Turismo (2017), o país recebeu mais de 6 milhões de turistas estrangeiros no ano de 2016, um aumento de quase 5% em relação a 2015. A maior parte dos turistas ainda tem sua origem na própria América do Sul.

Gráfico 4 - Representatividade dos turistas no Brasil por origem (2016)



Fonte: Dados básicos: Ministério do Turismo (BRASIL, 2017).

Elaboração: própria.

2.2 Turismo em Minas Gerais

Analisar a história do turismo no estado de Minas Gerais é, sem dúvida, um grande desafio: faltam materiais e informações a respeito do início do desenvolvimento dessa atividade. É sabido, porém, que com os desenvolvimentos das cidades e vilas ao redor das minas, a grande quantidade de visitantes temporários que se moviam por negócios era cada vez mais crescente na região, incentivando a criação de pequenos comércios e hotelarias. Com a queda da exploração mineral, as cidades que nasceram nas regiões perderam um pouco da relevância no fluxo de pessoas, mas nunca deixaram de ser atrativas para o turismo (BACELAR, 2013).

O turismo mineiro teve seu primeiro grande momento em torno da fama adquirida pelo valor terapêutico das águas do circuito hidrotermal do estado, Poços de Caldas, Cambuquira, Caxambu, Lambari, São Lourenço e Araxá. As primeiras menções dessas águas são do século XVIII e foram reconhecidas pelo Governo Geral no século seguinte. No final do século XIX, a fama das águas cresceu, inclusive visitadas pela Coroa Portuguesa e passaram a ser instrumento de estudo (LEMOS, 1904; BRANDÃO, 1958 apud PEREIRA, 1999).

Ainda sobre relatos do mesmo autor, a partir daí o crescimento foi bastante intenso. Foi concedido direito de construção, custeio, uso e gozo de estabelecimentos e a quantidade de pessoas que circulava na região cresceu muito, aprimorando a economia local. – Diversos municípios foram criados, com autorização do Presidente Francisco Sales, no início do século XX, nas localidades que compunham o “Circuito das águas”. A partir dos anos 20, houve um crescimento ainda maior impulsionado pelas rodovias e ferrovias que surgiam.

A primeira menção oficial ao turismo no estado veio na década de 40, com a criação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda que constava, na sua estrutura organizacional, a Divisão de Divulgação que abrangia propaganda, publicidade e turismo.

Em 1956, quando Clóvis Salgado era governador, o turismo passou a ser enquadrado como atividade econômica com a criação do Serviço de Estâncias Hidrominerais e com a criação da HIDROMINAS, Águas Minerais do estado de Minas

Gerais, que visava, entre outras obrigações, fomentar e desenvolver o turismo no estado.

A criação de um aparato institucional do turismo mais estruturado e especializado tem início em Minas Gerais, de fato, na década de 60, com a criação da Águas Minerais do estado de Minas Gerais S/A (HIDROMINAS), empresa de sociedade anônima, constituída para explorar diretamente os recursos minerais, bem como fomentar e desenvolver o turismo no estado (PEREIRA, 2009, p. 43).

No governo Rondon Pacheco foi criado o Sistema Operacional de Indústria, Comércio e Turismo, que continha a SUTUR (Superintendência de Turismo) que deveria desenvolver o setor (MINAS GERAIS, 1976).

Pereira continua e afirma que as primeiras referências ao turismo nos documentos de planejamento, apareceram no 1º Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social (1972/76), enfatizando a necessidade de Minas Gerais se adequar à Política Nacional do Turismo para se beneficiar dos incentivos federais. O PROMITUR, Primeiro Programa Mineiro de Turismo, (1977/78) foi elaborado para incrementar o fluxo turístico interno e para o estado mineiro.

Nos anos 80, com o 3º Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social havia capítulo específico para o turismo e listava vários programas, inclusive um segundo PROMITUR já que o primeiro não teve muito sucesso. Esse 2º PROMITUR continuou nas mesmas falhas de não apresentar ações concretas e sem ações orçamentárias.

No governo de Tancredo Neves, foi criada a Secretaria de Estado de Esportes, Lazer e Turismo (SELT) com uma superintendência do turismo (SUT), que seria outra tentativa de desenvolver o turismo no estado, e que começou a ter efetividade com a criação do Conselho Estadual de Turismo (CETUR), que atuava como mecanismo de elaboração de propostas e ações para inserção do turismo mineiro no cenário nacional.

A grande mudança de paradigma ocorreu em 1989, com a promulgação da Constituição do Estado, que obriga o Poder Público a elaborar uma política estadual para o setor e juntamente com a então promulgada Constituição Federal, promoveu o turismo a um patamar até então nunca alcançado, com bases legais e incentivos.

O marco do turismo recente em Minas Gerais é a criação da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR) em Minas Gerais em 28 de outubro de 1999. Atualmente, Minas Gerais é referência nacional nos segmentos do turismo de: aventura - pela suas incontáveis grutas e cachoeiras; gastronômico – produção de cafés, doces e queijos artesanais; e cultural e histórico. O principal produto de Minas ainda é o conjunto de cidades históricas presentes no estado: Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, Diamantina dentre outras. Da Mata Atlântica ao Cerrado, com maravilhas naturais, o estado oferece ao turista incontáveis opções de belezas para se encantar. Em Belo Horizonte e na região metropolitana, o potencial para o turismo de negócio é cada vez maior.

Em 2016, foi lançado o Plano estratégico para o desenvolvimento sustentável do turismo em Minas Gerais que objetiva promover o desenvolvimento do turismo de Minas Gerais, de forma sustentável e inclusiva, visando ao aumento do fluxo turístico, do tempo de permanência e do grau de satisfação de turistas no Estado. Atualmente, a SETUR foi fundida com a secretaria de cultura (gerou-se a SECULT – Secretaria de Estado de Cultura e Turismo) na gestão de Romeu Zema, devido à forte crise fiscal em que se encontra o estado.

Minas Gerais apresenta uma evolução relevante no turismo. Segundo dados da própria Secretaria de Estado de Turismo - MG (SETUR-MG), entre 2008 e 2014, o fluxo de turistas subiu de 11,4 milhões para 24,4 milhões de pessoas. A receita, outro dado apurado pelo mesmo órgão, também segue a tendência crescente de 184% no mesmo período, saltando de R\$ 6 bilhões para R\$ 17,1 bilhões.

Em Minas Gerais, o Turismo vem se caracterizando como uma importante atividade econômica, essa gera diretamente divisas para o Estado e contribuindo com o aumento da renda e a inserção dos mineiros no mercado de trabalho. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), apurados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em 2017, Minas Gerais foi o segundo Estado do país em número de estabelecimentos formais ligados às atividades turísticas (63.037).

Embora o estado de Minas Gerais se encontre em uma situação de crise econômica, o estado continua recebendo atenção dos turistas. A Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerias (SETUR) estima que, em 2017, 26 milhões de turistas visitaram o estado e deixaram, diretamente, 16 bilhões de reais na economia mineira.

Minas Gerais tem um potencial turístico de ponta, diversificado para satisfazer grande parte dos tipos de turista, e, dessa forma, gerando empregos causados por essa demanda. Minas Gerais, segundo o Ministério do Turismo, possui 4 municípios considerados “destinos indutores” em nível nacional - Belo Horizonte, Diamantina, Ouro Preto e Tiradentes. Além de ser o segundo do país em número de municípios com potencial turístico, ficando atrás apenas de São Paulo.

O turismo cultural é a principal modalidade em Minas Gerais, e, em 2017, 45,3% do total de visitantes que vieram ao estado motivados à lazer vieram visitar locais de riqueza histórico-cultural (MINAS GERAIS, 2018d). O território mineiro conta com quatro patrimônios culturais da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): o complexo arquitetônico da Pampulha, o centro histórico de Diamantina, a cidade de Ouro Preto e o Santuário de Bom Jesus do Matosinhos (UNESCO, 2018).

2.3 Segmentação Turística

A segmentação do turismo é uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir de características do demandante e do ambiente em que o turismo acontece (MTur, 2006). O Ministério do Turismo e o mercado realizam essa separação, a partir dessas denominações:

- Turismo da melhor idade (3ª Idade): Com o aumento da média de vida das pessoas, o turismo destinado às pessoas da 3ª Idade, se transformou em um ótimo investimento.
- Turismo ecológico: É o turismo destinado a pessoas que desejam ver e conviver mais perto da natureza, fazer trilhas, conhecer cachoeiras e novos lugares, onde a ecologia ainda está em seu estado natural.
- Turismo religioso: É destinado a pessoas que tem uma certa tendência a espiritualidade, fazem parte deste tipo de turismo, religiosos de todas as crenças.
- Turismo cultural: É o turismo destinado a pessoas que se interessam em apreciar manifestações e obras de arte, seja pelo fator estético ou histórico.
- Turismo de negócios: É quando pessoas viajam com intuítos profissionais, podem ser empresários ou executivos. O turista de negócios viaja para certas destinações para fechar

negócios, participarem de negociações, compras e atividades ligadas ao seu trabalho.

- Turismo de eventos: Normalmente os turistas de eventos são pessoas que viajam com o intuito de participarem de congresso, convenções e feiras, onde vão buscar novas tecnologias para suas empresas, vivências pessoais e novos processos (MTur, 2004 apud DA SILVA, 2004).

Minas Gerais é um estado com potencial para atingir a maioria deles, ou até todos, dos tipos de turismo apresentados pelo Ministério do Turismo. Desde o turismo religioso, com as igrejas das cidades históricas até o turismo de negócios e eventos na capital mineira e região metropolitana de Belo Horizonte.

2.4 Turismo na Economia e Emprego

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo movimenta, anualmente, bilhões de reais em todo mundo. De acordo com dados divulgados pela entidade, o turismo representou, em média, 1 de cada 10 empregos no mundo e correspondeu a 7% das exportações mundiais durante o ano de 2016. No mesmo período, houve uma movimentação de 1,235 milhões de chegadas de turistas internacionais em todo o mundo, gerando uma receita turística de US\$1,220 bilhões. Além disso, entre 2010 e 2030, espera-se que as chegadas em destinos emergentes cresçam 4,4% ao ano. Segundo dados recentes da World Travel & Tourism Council – WTTC (2018), 20% de todos os empregos criados no mundo na última década são influência do turismo.

Como todo tipo de atividade humana, o turismo gera impactos e consequências na sociedade e na economia. Os gastos dos turistas e os investimentos em atividades turísticas são principais fatores para geração de empregos derivados na atividade turística. Segundo Santos e Kadota (2012), só do turista decidir viajar, cria-se um fato econômico, ou seja, ele movimentar uma cadeia de produtos e serviços da atividade turística.

A WTTC (2015) afirma que existem três tipos de empregos provenientes do turismo:

- Diretos - refeições, acomodações, entretenimento, recreação e transporte – que atendem diretamente o turista;

- Indiretos – serviços financeiros, sanitários e utilitários, produção e comercialização de veículos, publicidade e propaganda, produção e manutenção de aeronaves e exploração mineral - atendem empresas que prestam serviços aos fornecedores diretos;
- Induzidos – suplemento alimentício, serviços pessoais e manufatura – resultados dos gastos e investimentos na região (WTTC, 2015, p.5).

Os empregos diretos, por exemplo, são responsáveis por pouco mais de 3% do PIB. Esses empregos, porém, dependem da demanda pelos serviços turísticos. Esta demanda representa a quantidade de consumo de determinados bens ou serviços turísticos a um determinado preço, e seria dependente do cenário econômico local, nacional e global, que é causada pelas variações do ciclo econômico. (MANKIW, 2010)

Portanto, o conceito de demanda turística, é: “o conjunto de turistas, [...], que estão motivados a consumir uma série de produtos ou serviços turísticos com o objetivo de cobrir suas necessidades de descanso, recreação, entretenimento e cultura [...]” (DIAS, 2005 *apud* MTur, 2010 pág. 55).

O grande potencial do turismo na criação de emprego está na sua relação com o multiplicador, já que o gasto dos turistas possibilita gastos futuros, como o dos funcionários dos hotéis, por exemplo, que gastam esse dinheiro movimentando mais a economia, e assim por diante - normalmente, esse valor agregado é bem maior que a soma inicialmente gasta pelos turistas. O efeito multiplicador dependerá da propensão marginal para o consumo e em melhorias na qualidade de vida do turista, agente principal desse processo. Outro grande ponto que o turismo consegue ser benéfico é o aumento do estoque de divisas estrangeiras que é extremamente importante para o aumento dos lucros e para a renovação do setor e dos tecidos econômicos, sociais, regionais e locais.

A dimensão do multiplicador turístico variará de país para país e de região para região, segundo a natureza da base econômica existente. O volume de mercadorias e serviços importados para o consumo dos turistas, a inclinação dos residentes a usar mercadorias importadas e sua tendência a poupar têm influência no comportamento do multiplicador. Quanto maior a tendência a importar, maiores os vazamentos ou perdas de capital e menor o efeito multiplicador. Em geral, quanto mais fraca for a base econômica, menos autossuficiente será a região e uma parcela bem maior do gasto turístico se voltar-se-

á para outras regiões, o que conduzirá a um multiplicador baixo de renda e emprego (DA SILVA, 2004, p.35).

As variações de demanda representam as flutuações econômicas da economia, uma hora num sentido expansão e outro de recessão. Essas flutuações são causadas pelas variações da demanda por trabalho - que sofrem influências dos choques de tecnologia e da política monetária (MANKIW, 2010).

A interação entre os diversos setores da economia com as fases do ciclo são foco de inúmeros estudos que buscam entender mais sobre como esse mecanismo funciona, sua influência na economia e meios de se prever o comportamento de mercados diferentes em cenários macroeconômicos similares. Com o turismo não é diferente. As discussões concernentes ao potencial do turismo como fator de desenvolvimento econômico devido às suas diversas características são notórias. A intensidade do impacto que o turismo gera na economia depende dos atrativos presentes no local e do volume dos gastos dos visitantes. Nesse sentido, busca-se entender se o turismo em Minas Gerais também apresenta essas características para a economia local.

2.5 Atividades Características do Turismo

O Turismo não é uma atividade econômica em si, mas é composto por um conjunto de atividades econômicas variadas que incluem transportes, hospedagem, alimentação, agenciamento de viagens e entretenimento.

As Nações Unidas elaboraram o conceito de Atividades Características do Turismo, ACTs, como mecanismo para facilitar a comparação internacional das estatísticas sobre essa atividade econômica ao redor do mundo. Os produtos característicos do turismo são aqueles que deixariam de existir em grande quantidade ou seu nível de consumo seria sensivelmente diminuído em caso de ausência de visitantes. Um exemplo de produto característico é o transporte aéreo de passageiros.

A SETUR-MG, Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, define como ACTs as atividades de:

- Seguros não-vida; 65.12-0
- Transporte rodoviário coletivo intermunicipal, interestadual e internacional; 4922-1

- Trens turísticos, teleféricos e similares; 4950-7
- Transporte aéreo de passageiros regular; 5111-1
- Transporte aéreo de passageiros não-regular 5112-9
- Atividades auxiliares dos transportes aéreos; 52.40-1
- Hotéis e similares; 5510-8 (1)
- Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente; 5590-6
- Organização de eventos, exceto culturais e esportivos; 82.30-0
- Agências de viagens; 7911-2
- Operadores turísticos; 7912-1
- Reservas e outros serviços de turismo não especificados anteriormente. 7990-2 (MINAS GERAIS, 2018c).

O conceito de ACTs será vital para que se possa compreender melhor os resultados da RAIS, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que é um Registro Administrativo, de periodicidade anual, do Ministério do Trabalho e Emprego e que será a principal fonte estatística deste trabalho. Isso acontece já que o turismo não é uma atividade econômica propriamente dita, portanto, as ACTs serão as bases para a análise de dados dos empregos formais relacionados ao setor turístico.

Para alcançarmos nosso objetivo, faz-se necessário discutir um pouco melhor o conceito de ciclos econômicos. É o que será feito no próximo capítulo.

3 CONCEITOS BÁSICOS SOBRE ECONOMIA, EMPREGO E CICLOS ECONÔMICOS

O objetivo desse capítulo é trabalhar alguns conceitos primordiais para a execução deste trabalho, de modo que o leitor possa ter conhecimentos sobre eles e consiga compreender melhor a pesquisa aqui realizada. Lembrando que em nenhum momento esta pesquisa busca analisar os conceitos em si ou aprofundar nas temáticas, e, sim, apenas realizar uma retomada teórica desses conceitos.

3.1 Ciclo econômico

Como dito anteriormente nesse mesmo trabalho, o ciclo econômico representa as flutuações do nível de produto de toda e qualquer economia. Existem muitas perspectivas de análise desse ciclo, mas para a continuidade desse trabalho, pontuar-se-á as ideias de Keynes, Schumpeter, Hayek e Friedman.

Estudos sobre a teoria dos ciclos econômicos ganharam maior importância a partir da segunda metade do século XIX, concomitante às reflexões em torno do fenômeno das crises que afetaram a economia mundial desde a Revolução Industrial. (LIMA, 2005)

Para Keynes (1936 apud MANKIWI, 2010), o Ciclo Econômico é considerado como resultado de variações exógenas nas taxas de poupança das famílias (gerando variações na demanda agregada) aliadas a efeitos multiplicadores relacionados aos investimentos privados. Portanto, o autor acredita que a instabilidade dos investimentos é a causa das flutuações. De acordo com ele, investimento significava aquisição de equipamentos do setor produtor de bens de capital, ampliação da capacidade produtiva e, finalmente, expansão da produção corrente de bens de capital. (LIMA, 2005). Já Schumpeter dá grande ênfase às inovações ocorridas na economia, capazes de gerar oportunidades lucrativas de investimento. Ou seja, os investimentos seriam função do aparecimento de inovações. Os períodos de expansão eram relacionados ao fato de que o empreendedor inovador, ao criar novos produtos, é seguido por vários outros empreendedores não inovadores que investem recursos para produzir e imitar os bens criados pelo empresário inovador. Conseqüentemente, uma onda de investimentos de capital ativava a economia, gerando prosperidade e expansão do nível de investimento e de emprego. O caráter cíclico da economia mostraria exatamente este processo – o

aparecimento de uma inovação seria capaz de alavancar uma grande quantidade de investimentos. Com o passar do tempo, estas oportunidades se esgotariam levando os investimentos a diminuir novamente (SCHUMPETER, 1911 apud LIMA, 2005).

Milton Friedman e Hayek vão por um caminho diferente. O primeiro trabalha com a ideia de que as flutuações são influenciadas por uma variação aleatória do sistema de preços, uma dependência clara do nível de oferta monetária – isso ocorreu depois de uma análise dos comportamentos agregadores monetários dos Estados Unidos durante quase 20 anos. O estoque de moeda geralmente aumenta durante as expansões a uma taxa abaixo da renda monetária e, durante as contrações, cai a uma taxa abaixo da renda monetária (LIMA, 2005). Por sua vez, a velocidade da moeda aumenta durante as expansões cíclicas assim como a renda real aumenta e cai, durante as contrações cíclicas como a renda real cai - precisamente o oposto da relação temporal entre renda e velocidade. A menor quantidade de moeda nos períodos de expansão levaria ao esfriamento da economia enquanto a maior quantidade durante os períodos recessivos a aqueceria.

Já Hayek explica que essa variação de oferta monetária não é aleatória - taxas de juro baixas estimulam a concessão de crédito, aumentando desta forma a oferta monetária. Esse aumento leva a um período de crescimento insustentável, em que o dinheiro em excesso procura oportunidades de investimento progressivamente menos rentáveis, criando uma série de bolhas. Quando essas bolhas chegam ao limite, elas “explodem”, diminuindo a atividade econômica e gerando a recessão (ROTHBARD, 2011). Os momentos de crise serviriam para “destruir” este excesso de capital ineficiente gerado durante os períodos de expansão³.

³ Krugman, jocosamente, chama esta teoria de teoria da ressaca. As recessões seriam “ressacas” que deveríamos passar devido aos momentos de expansão. Esta teoria apresentaria uma contradição insolúvel com a teoria schumpeteriana (ou a própria explicação austríaca para os booms econômicos). Nesta última, a expansão seria gerada pelos investimentos proporcionados por oportunidades lucrativas de investimento geradas por inovações. Ou seja, o capital estaria alocado em atividades pouco rentáveis e se deslocaria para as novas atividades mais rentáveis geradas pelas inovações. Nesta teoria austríaca, temos a mesma situação. Capital alocado em setores pouco rentáveis e não naqueles com maior rentabilidade. Porém, neste caso, isto geraria uma recessão e não um boom (que seria gerado exatamente pelo investimento nos setores mais rentáveis). É esta contradição que é apontada por Krugman.

Embora não exista unanimidade nas análises a respeito da causa das flutuações econômicas, é evidente que elas existem e suas consequências na sociedade, inclusive na variação do nível de emprego.

Mesmo havendo uma concordância sobre vários aspectos dos ciclos econômicos entre essas correntes teóricas, não há convergência sobre a maneira como essa instabilidade pode ser reduzida. Assim, referente à política de estabilização da economia, Keynesianos defendem que desvios severos e prolongados justificam a necessidade de uma ação corretiva por parte do governo, enquanto monetaristas rejeitam uma política de estabilização ativa em confiança no poder de equilíbrio das forças de mercado. (LIMA, 2005, p.23)

Existem custos para as empresas com contratação de trabalhadores, em uma recessão, a oferta de capital para contratação de pessoal se reduz, porém, alguns setores, sentem a recessão de forma diferente ou até conseguem crescer mais nesse período - estes são chamados de setores contracíclicos.

3.2 Taxa de crescimento do PIB

O Produto Interno Bruto real, PIB real, de um país representa o somatório de todas as atividades produtivas (bens e serviços) daquele lugar (pode ser aplicado para região, estado e município) - independente da nacionalidade das empresas e das remessas de lucros feitas por elas ao exterior. Desde a segunda metade do século XX, essa variável é usada no mundo todo para mensurar o estágio econômico de um território. Uma variação positiva no PIB significa que a economia do país está crescendo, pois existe um aumento de suas atividades produtivas.

A mensuração do PIB pode ocorrer com o valor agregado da economia ou per capita, que é a divisão do PIB agregado pelo número de pessoas daquela economia. A análise também passa pela diferenciação entre PIB potencial e PIB real. O primeiro considera o volume de produção que resultaria de uma utilização normal dos recursos e tecnologias de uma economia. É o nível do produto ao qual não haveria geração de inflação. A diferença do PIB real e o potencial é chamado de hiato do produto.

3.3 Taxa de Desemprego

A taxa de desemprego é fortemente relacionada com o ciclo econômico. Foi Arthur Okun que percebeu uma relação inversa entre a taxa de desemprego e a

taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, quanto menor a taxa de desemprego maior a taxa de crescimento do PIB e, vice-versa (MANKIWI, 2010). Okun sugeriu que variações do produto causariam alterações na taxa de desemprego, contrariando o sentido da causalidade, no qual se acreditava até então. Ou seja, o crescimento do produto determinaria aumentos nos níveis de emprego, uma vez que as empresas deveriam contratar mais trabalhadores para aumentos na produção (BLANCHARD, 2008).

Assim, a taxa de desemprego seria um dos melhores indicadores da fase do ciclo econômico. Em momentos de aquecimento econômico, esta taxa seria muito baixa. Em momentos recessivos, esta seria alta. A necessidade de se implementar políticas anticíclicas nasceria da necessidade de se combater as taxas de desemprego nas recessões.

O cálculo dessa taxa se dá pela razão entre o número de empregados e o número total da população ativa.

3.4 Taxa de Juros

A variação da taxa de juros básica de um país, no nosso caso a chamada taxa Selic, que funciona como um parâmetro para a taxa de juros dos bancos do país, sejam eles privados ou públicos, consiste em um fator que influencia muito o modo que a economia caminha. Isso ocorre, pois, a taxa de juros consiste no “preço” do dinheiro: por exemplo, com uma taxa de juros mais elevada, o custo do dinheiro é maior, restringindo o crédito para empresas e famílias, assim, com menos capital disponível, a população consome menos e as companhias produzindo menos diminui-se a empregabilidade da população, o que ocasiona a redução da renda das famílias, levando-as a consumir ainda menos. Quando a taxa de juros é menor, o caminho é o oposto, o dinheiro fica mais disponível, as famílias consumindo mais, gera, então, um crescimento econômico. Como a inflação (como será visto) é normalmente cíclica (ou seja, aumenta nos períodos de “boom” e cai nos períodos recessivos), políticas anti-inflacionárias do governo buscam aumentar os juros quando a economia está muito aquecida (buscando diminuir a inflação) e baixar os juros nos momentos recessivos (buscando estimular a economia).

3.5 Inflação

As principais teorias macroeconômicas modernas baseiam-se no conceito da curva de Phillips, que é um mecanismo para representar a relação negativa entre inflação – que é o aumento generalizado do nível de preços de uma economia - e taxa de desemprego no curto prazo. De modo que uma menor taxa de desemprego leva a um aumento da inflação, e uma maior taxa de desemprego a uma menor inflação. Podemos compreender essa lógica com um raciocínio bastante intuitivo: em um cenário de recessão, as empresas demitem os funcionários (aumento do desemprego), que possuem menos recursos disponíveis para consumo, dessa forma, com a redução da propensão ao consumo, as empresas precisam reduzir seus preços para continuarem competitivas e venderem seu estoque, essa redução de preços causa uma redução do processo inflacionário da economia. Ao mesmo tempo, isto é possibilitado exatamente pelo maior desemprego. Isto tenderia a diminuir os salários pagos, diminuindo os custos médios das empresas (possibilitando esta diminuição dos preços).

No Brasil, os principais índices usados pelo governo para mensurar a inflação são o IPC, índice de preços ao consumidor, IPCA, índice de preços ao consumidor amplo e o IPA, índice de preços ao produtor amplo.

3.6 Taxa de Câmbio

A taxa de câmbio corresponde a relação do valor real de uma moeda em relação a outra moeda. No Brasil, a relação mais comum e mais usada é entre a nossa moeda, real, e o dólar. A variação do valor do real em relação ao dólar pode causar consequências na nossa economia.

O comportamento da taxa de câmbio reflete a competitividade da economia, já que sua desvalorização torna os produtos domésticos mais competitivos frente aos produtos estrangeiros. Assim, tal variável pode afetar o desempenho econômico pelos seus efeitos na composição setorial do país, ao implicar na maior ou menor presença dos setores de bens transacionáveis, que tendem a possuir maior capacidade inovadora, agregação de valor, nível de produtividade, entre outros aspectos (DESPECON, 2014, p.4).

No mesmo estudo do DESPECON, evidências mostram que desvalorizações cambiais possuem efeito positivo sobre o crescimento econômico por diversos motivos, como que as negociações com os outros países são feitas usando

a moeda americana, por aumentar a competitividade do produto nacional e pela alteração dos preços (inflação).

3.7 Índice de Atividade Econômica Regional

Não é possível encontrarmos indicadores mensais de PIB, porém, o Banco Central do Brasil possui séries de indicadores regionais e periódicos que podem substituir o PIB mensal como forma de análise. O Índice de Atividade Econômica Regional é um indicador do nível de atividade mensal da economia regional, medindo a variação do nível de atividade produtiva local.

O indicador do BC leva em conta trajetória de variáveis consideradas como bons indicadores para o desempenho dos setores da economia (indústria, agropecuária e serviços). o IBCR indica a tendência da atividade econômica, o que ajuda a dar uma avaliação geral do PIB – sendo um bom substituto.

Uma vez feita esta discussão, pode-se agora descrever os testes feitos, buscando identificar o comportamento do setor turístico no ciclo econômico. É o que será feito no próximo capítulo.

4 METODOLOGIA

Analisando exclusivamente os objetivos dessa pesquisa, o presente trabalho se encaixa como uma pesquisa descritiva. Segundo Gil (2002), esse tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Esse trabalho, de fato, busca trazer luz à análise do setor turístico em Minas Gerais como gerador de emprego e renda nas diversas fases do ciclo econômico e o perfil desse emprego analisando variáveis como nível de renda, emprego, PIB e busca-se estabelecer uma relação entre elas.

A abordagem é quantitativa, utilizando dados estatísticos primários e secundários focada na objetividade dos resultados. Esta é usada para compreender e enfatizar o raciocínio lógico e todas as informações que se possam mensurar (FONSECA, 2002).

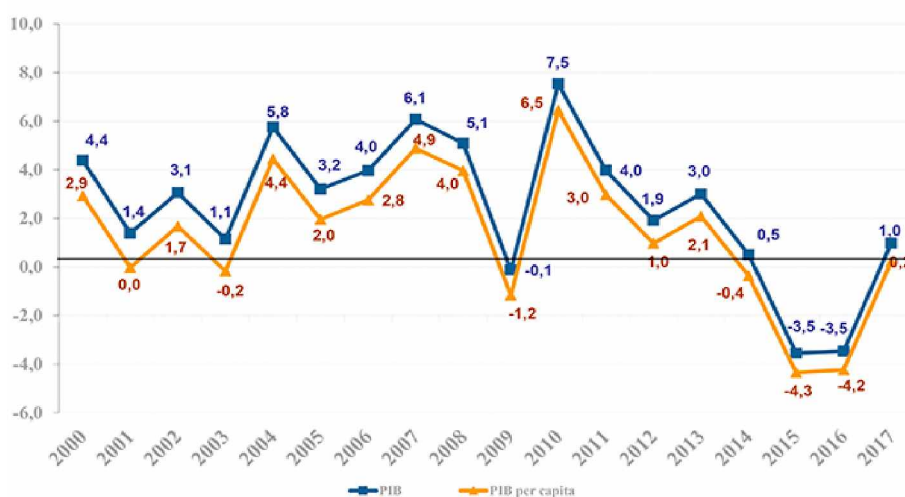
Para tanto, analisando os procedimentos técnicos utilizados na construção desse trabalho, primeiramente será utilizado uma pesquisa bibliográfica, com artigos e livros já publicados sobre o tema de forma a ampliar o conhecimento, permitindo um maior leque de estudos e informações. Além disso, será utilizada uma pesquisa documental que tem como principal diferença da bibliográfica o tratamento dos dados, na primeira eles não receberam tratamento analítico, enquanto na segunda sim (GIL, 2002).

A fonte de dados utilizada neste trabalho será a Relação Anual das Atividades Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), na qual as atividades econômicas estão classificadas conforme a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE). É sabido, porém, das limitações da RAIS como fonte de dados por apenas considerar os empregos formais, mas seu alto grau de desagregação setorial e geográfica será primordial para a execução deste trabalho. Conforme Sakowski (2015, p.11) explicou:

A RAIS é uma fonte de estatísticas particularmente interessante, pois permite a desagregação dos dados até o nível local (municipal) e até a subclasse de atividade econômica (CNAE sete dígitos a partir de 2009). [...] Uma desvantagem da RAIS é que ela é propensa a erros de classificação da atividade econômica, uma vez que a CNAE é autodeclarada pelo estabelecimento (SAKOWSKI, 2015, p.11).

Com o objetivo de analisar o comportamento desse setor nos mais diversos momentos da economia brasileira, será utilizada a RAIS dos anos de 2008 a 2017, de forma que, baseado na variação do PIB nacional nesse período, será uma base de dados que abrange períodos de recessão e expansão econômica, como demonstrado no Gráfico 5. Os dados da RAIS possuem a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), no caso desse trabalho, será usado as ACTs em CNAE 2.0 devido à aproximação conceitual de turismo e outras especificidades de Minas Gerais, como descrito anteriormente.

Gráfico 5 - Variação do PIB e PIB per capita do Brasil 2000 a 2017



Fonte: IBGE, 2017

Para a análise dos dados, serão utilizados conceitos da econometria. Esta é um método estatístico utilizado em todos os campos da economia para analisar e prever os mais variados conjuntos de dados. Os modelos econométricos podem ser baseados em modelos formais ou também podem ser derivados de raciocínios econômicas informais e intuitivos como é o caso do presente trabalho. O objetivo desse método é testar hipóteses sobre determinados parâmetros. (WOOLDRIDGE, 2002).

$$Y_i = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \beta_3 X_3 + \varepsilon_i \quad (1)$$

Sendo que $b_1; b_2; \dots b_n$ são os parâmetros que buscaremos descobrir para elucidar a variação de y para cada variação de x . O E_i é o erro independente de X , de forma que a variação de X não faz diferença para o erro. Este apresenta valor esperado nulo.

Portanto, para analisar a relação entre as variáveis estudadas e também a intensidade na qual elas se apresentam, será estimada uma equação de regressão múltipla, pois irá tratar de mais de duas variáveis explicativas.

Será utilizado um conjunto de dados de séries de tempo, ou seja, observando variáveis ao longo do tempo. Para isso será usado uma regressão múltipla que permite controlar vários fatores que afetam a variável dependente, evitando enganos causados por uma regressão simples que desconsidera vários outros fatores. A variável dependente, y , assumirá diferentes variáveis para que a medição fique mais completa, são elas: número de empregos turísticos, massa salarial desses empregos e números de empresas do setor do turismo. As variáveis independentes, ou seja, os mecanismos de mensuração da relação entre os fatores serão a taxa de desemprego; a taxa de crescimento do PIB mineiro e brasileiro e a taxa de juros.

Além da construção da regressão, fazer-se-á também testes de correlação. Este teste objetiva testar se há ou não correlação entre as fases do ciclo econômico e os empregos turísticos. No caso dos testes econométricos, foi escolhida a técnica dos mínimos quadrados ordinários – que escolhe estimativas que minimizam a soma dos quadrados dos resíduos (os erros).

5 DADOS GERAIS

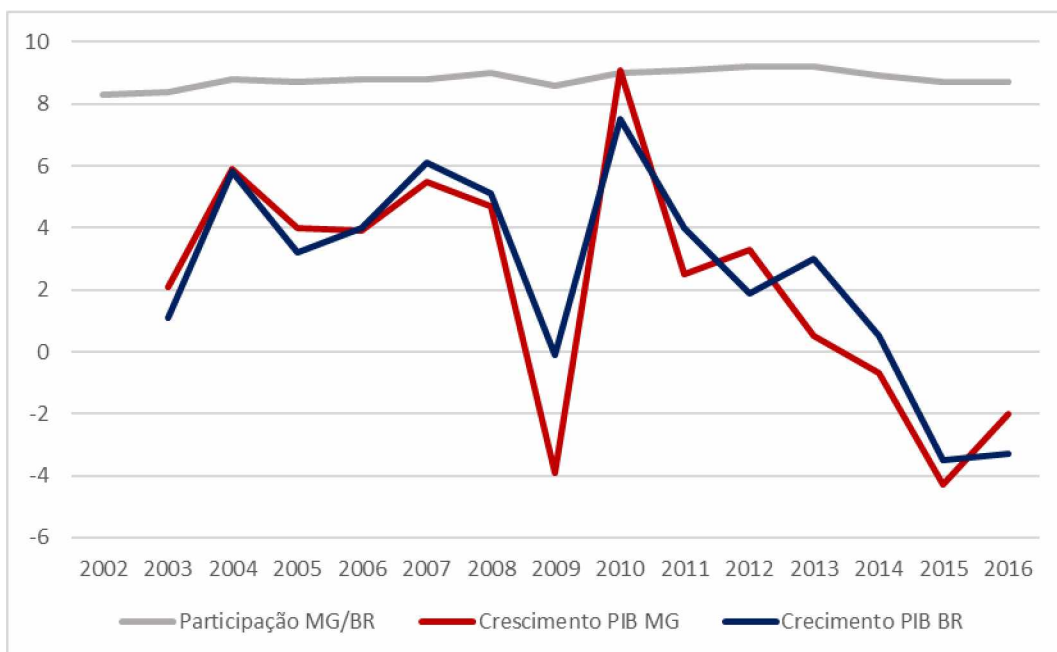
Nesta sessão, serão apresentados dados referentes à economia mineira e a relevância do setor turístico para o estado, além de realizar uma separação dos dados de emprego e turismo a partir do nível educacional e do sexo dos funcionários para uma análise da sua variação nos últimos anos.

Será realizada, também, séries de comparações entre os empregos turísticos mineiros e o de outros estados a partir de índices gerados.

5.1 Economia Mineira e o turismo hoje

O estado de Minas Gerais teve um crescimento econômico não linear durante os anos de 2002 e 2008, quando sofreu as consequências da crise global de 2008 e teve, em 2009, uma das maiores reduções nos anos recentes. Entre 2010 e 2013, o PIB mineiro voltou a crescer, porém, em 2014, com a crise que assolou o Brasil, o PIB teve novamente uma diminuição até 2017. Somente no ano de 2015, ocorreu uma redução de mais de 4%, como mostra o Gráfico 6. O emprego formal em Minas Gerais sofreu muito nos últimos anos, muito pelo reflexo da recessão econômica que atingiu o estado e o país. Entre 2014 e 2018, por exemplo, houve um aumento de quase 80% do número de desempregados no estado, quase 300 mil empregos foram perdidos (IBGE, 2010).

Gráfico 6 - Participação de Minas Gerais no PIB brasileiro e taxas de crescimento real do PIB (%) – Minas Gerais e Brasil (2002-2016)

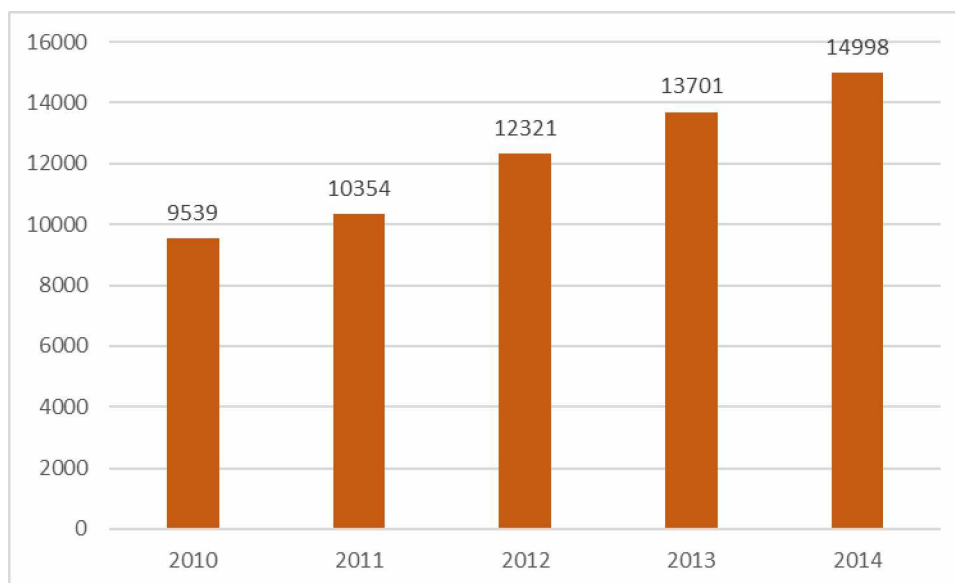


Fonte: Dados básicos: Fundação João Pinheiro (FJP) - Centro de Estatística e Informações (CEI).

Elaboração: própria.

O turismo, porém, vem se consolidando cada vez mais como um setor de relevância no estado e como um mecanismo gerador de empregos, e, assim, um movimentador da economia. O Estado de Minas Gerais, por exemplo, apresentou um Valor Adicionado (VA) de turismo no valor de R\$ 14.998 milhões no ano de 2014. Entre 2010 e 2011, bem como de 2013 para 2014, o aumento desse valor adicionado foi em torno de 9%. Enquanto que entre os anos 2011-2012 e desse para 2013 o crescimento foi de aproximadamente 19% e 11%, respectivamente, em termos nominais em relação ao ano anterior.

Gráfico 7 - Valor Adicionado do Turismo em MG (milhões de reais)

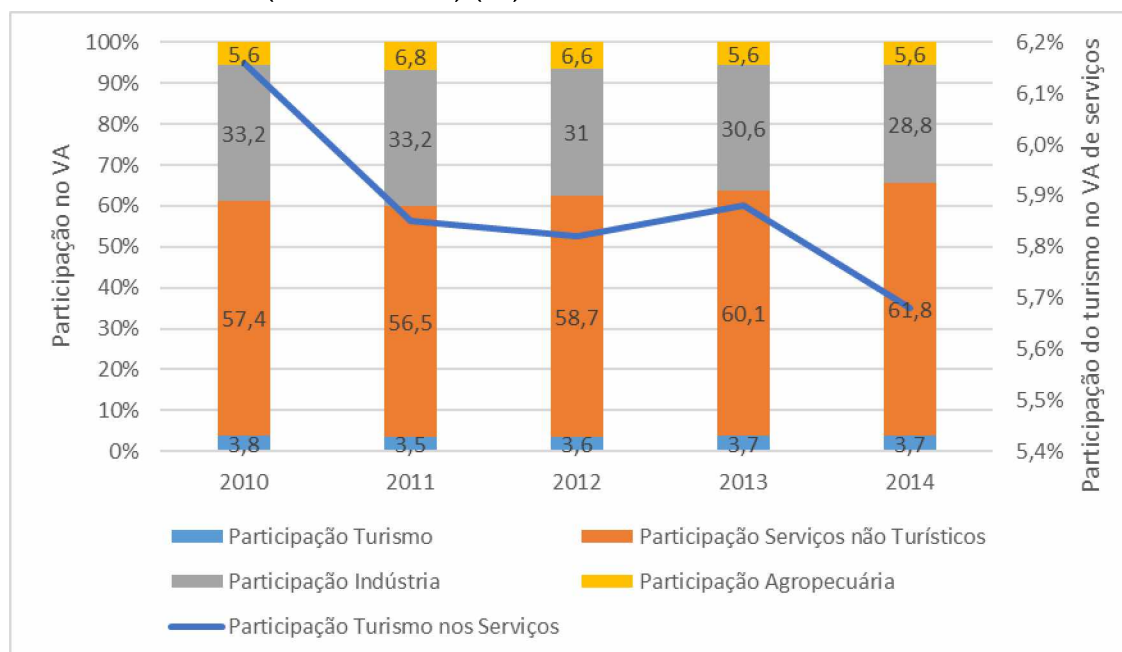


Fonte: Dados básicos: Fundação João Pinheiro (FJP) - Centro de Estatística e Informações (CEI).

Elaboração: própria.

O peso do setor ainda é pequeno se comparado aos setores mais consolidados e com maiores investimentos dentro do estado de Minas Gerais, mas sofreu pouquíssimas variações na sua participação no Valor Adicionado do estado e dentro do setor de serviços nos últimos anos.

Gráfico 8 - Participação das atividades econômicas no Valor Adicionado – Minas Gerais (2010 a 2014) (%)

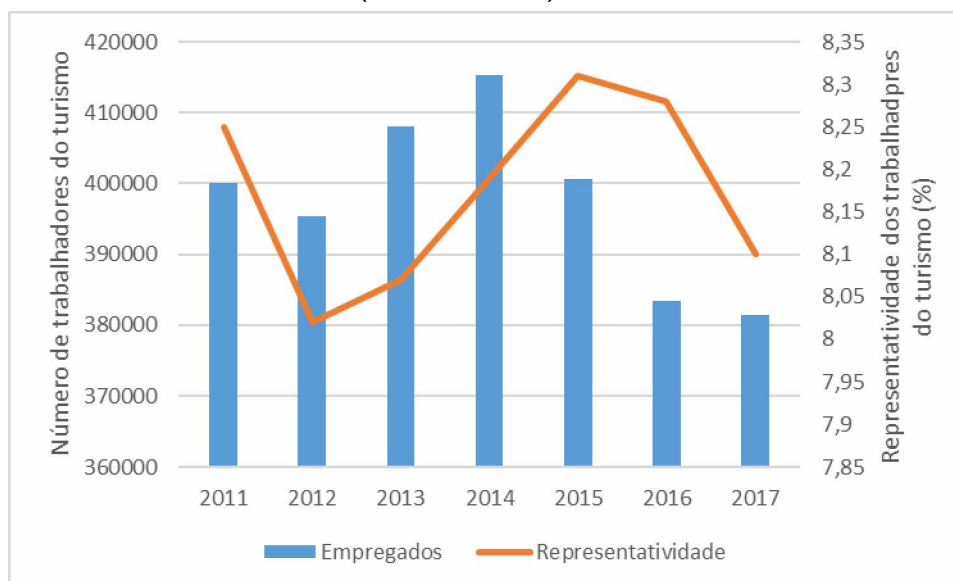


Fonte: Dados básicos: Fundação João Pinheiro (FJP) - Centro de Estatística e Informações (CEI).

Elaboração: própria.

Embora a participação do turismo no VA do estado de Minas Gerais tenha oscilado entre 2011 e 2014, a representatividade do número de estabelecimentos turísticos no estado cresceu no período quase 20%, saindo de 52.817 estabelecimentos para 63.656. O número de empregados do setor, porém, só cresceu entre 2012 e 2014. A representatividade desses empregos no total de empregados no estado variou de forma diferente: entre 2011/2012, 2015/2016 e 2016/2017 houve uma redução e entre 2012/2013, 2013/2014 e 2014/2015 um aumento. Dentre os estados da região Sudeste, Minas foi o que apresentou maior aumento da quantidade de estabelecimentos turísticos entre 2012 e 2017 (1,6%). O Brasil, como um todo, experimentou um aumento de 1,4% dessa categoria. O número de empregados mineiro sofreu uma redução de 0,7% e os do país reduziram em 0,4%.

Gráfico 9 – Empregados do Turismo e sua representatividade em Minas Gerais (2011 a 2017)



Fonte: Dados básicos: Fundação João Pinheiro (FJP) - Centro de Estatística e Informações (CEI).

Elaboração: própria.

5.2 Primeira análise dos dados de emprego

Os dados adquiridos sobre o emprego formal a partir da RAIS permitem realizar análises básicas sem a necessidade de um modelo de regressão. Como citado anteriormente, a quantidade de empregos do setor turístico cresceu em 5 anos dentro do período analisado, porém, em dois desses anos, houve uma redução do PIB mineiro – 2009 e 2014. É difícil estabelecer uma causa para o aumento do número de empregados em um cenário de recessão; uma primeira hipótese é que os empregos são gerados pela demanda de serviços, e essa demanda pode não ter sido afetada negativamente por se tratar do primeiro ano com recessão ou pelo fato da dinâmica econômica depender de inúmeros fatores como a variação da economia do lugar de origem dos turistas, por exemplo, a piora da economia faz com que pessoas que viajariam para o exterior decidam viajar pelo país, ou até da variação do país como um todo.

Destrinchando mais os dados de emprego adquiridos por meio da RAIS, podemos separar os empregados a partir do seu grau de instrução, analisar seu comportamento durante os anos em questão e comparar o estado de Minas Gerais com outros estados da federação e com o próprio Brasil. Porém, como os números

absolutos variam muito de unidade federativa para unidade federativa, o que poderia dificultar uma análise mais eficiente, serão usados dois índices para que se possa perceber melhor a variação ao longo dos anos.

O primeiro será um número índice com base em 2008 (terá o valor 100 em 2008 enquanto os outros períodos apresentam valor proporcional à esta variável no período base). Porém não serão usados todos os estados nessa comparação por ficar inviável para análise, os escolhidos foram os estados das regiões Sul e Sudeste por apresentarem mais similaridades com o cenário econômico e social de Minas Gerais, além de tipos de turismo similares. O outro é o Índice de Especialização, que torna possível observar variações específicas de índices específicos – nesse caso serão avaliadas as categorias de “Ensino Médio Completo” (por ser a mais relevante numericamente) e as categorias “Analfabetos” e “Superior Completo” para que possa-se enxergar se as preferências do perfil de mão de obra entre baixa qualificação ou alta qualificação variam durante o período avaliado. Esse índice analisa a variação da representatividade de cada classe em relação ao todo e compara a sua variação pelos anos.

5.2.1 Analfabetos

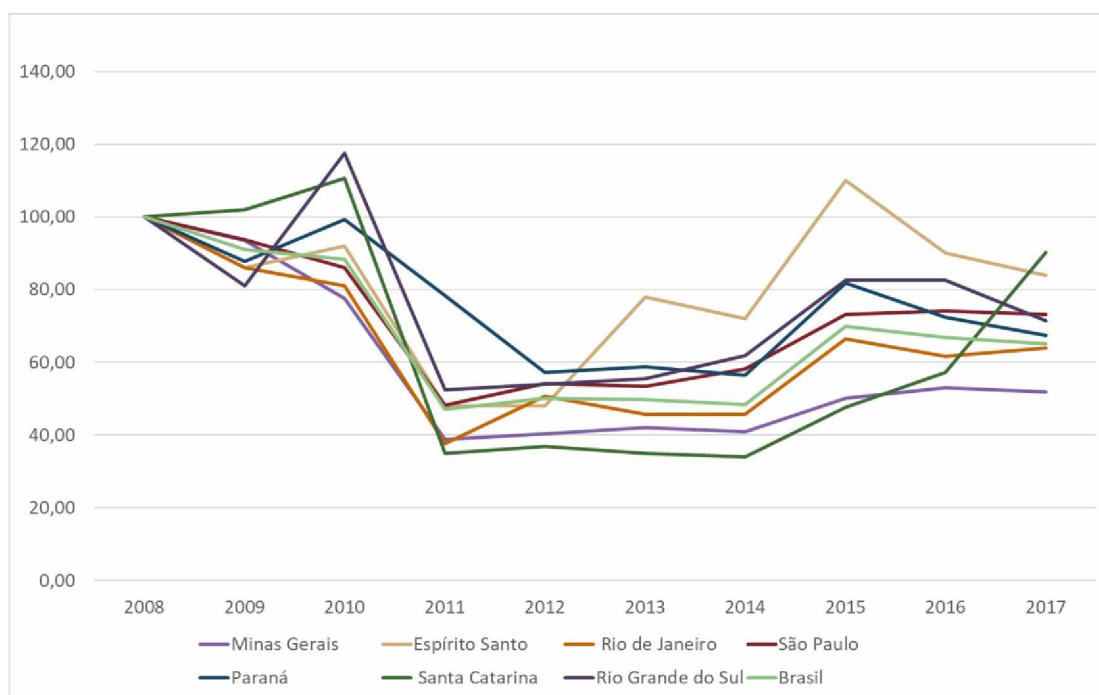
Ao separarmos os tipos de empregados pelo nível educacional, torna-se possível analisarmos o comportamento do empregador na preferência pelo tipo de mão de obra e o tipo de turismo tradicionalmente existente no estado (mais ou menos intensivo em capital humano) assim como seu comportamento ao longo do tempo. Os analfabetos representam uma pequena parcela dos empregados do turismo no Brasil e também em Minas Gerais.

Embora exista uma oscilação do número de empregados durante o período, podemos enxergar um certo padrão nas oscilações, sendo que existe uma variação grande em apenas dois dos anos analisados (2010 e 2013). Minas Gerais se comporta de forma similar ao grupo dos estados do Sudeste no primeiro momento e como os estados do Sul no segundo.

É possível notar que ocorre, entre 2010 e 2012, queda no uso de mão-de-obra analfabeta em todos os estados analisados (Minas Gerais incluso). Esta queda

é mais significativa em Minas Gerais (só Santa Catarina, entre os estados analisados, apresentou uma queda maior).

Gráfico 10 – Empregados analfabetos do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)

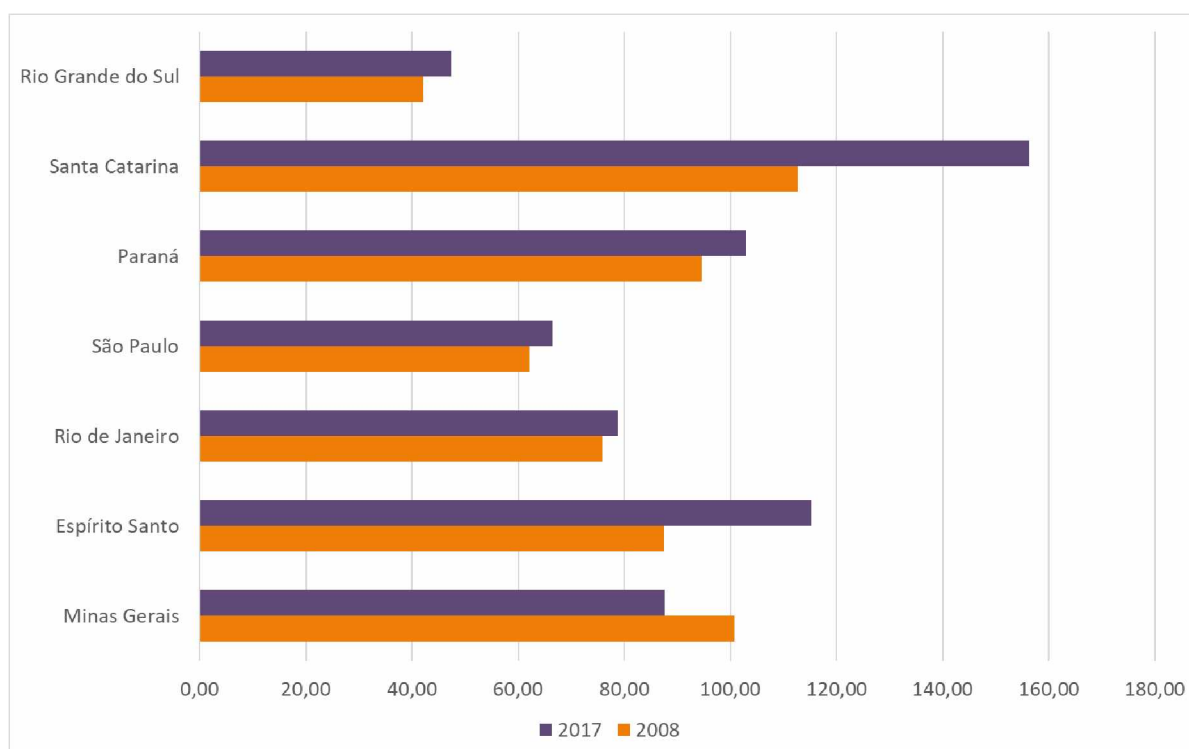


Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria.

Ao analisarmos o Índice de Especialização, porém, podemos perceber que o estado de Minas Gerais apresenta um comportamento único dentro do nosso universo de análise. Enquanto que em todos os outros estados, existe um aumento da representatividade de analfabetos entre 2008 e 2017, Minas Gerais apresenta uma redução. Os estados de Santa Catarina e Espírito Santo são os que apresentam a maior variação no período. Não podemos especular a razão por trás dessa mudança, podemos apenas afirmar que é uma redução da mão de obra não qualificada.

Gráfico 11 – Representatividade empregados analfabetos do Turismo – (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

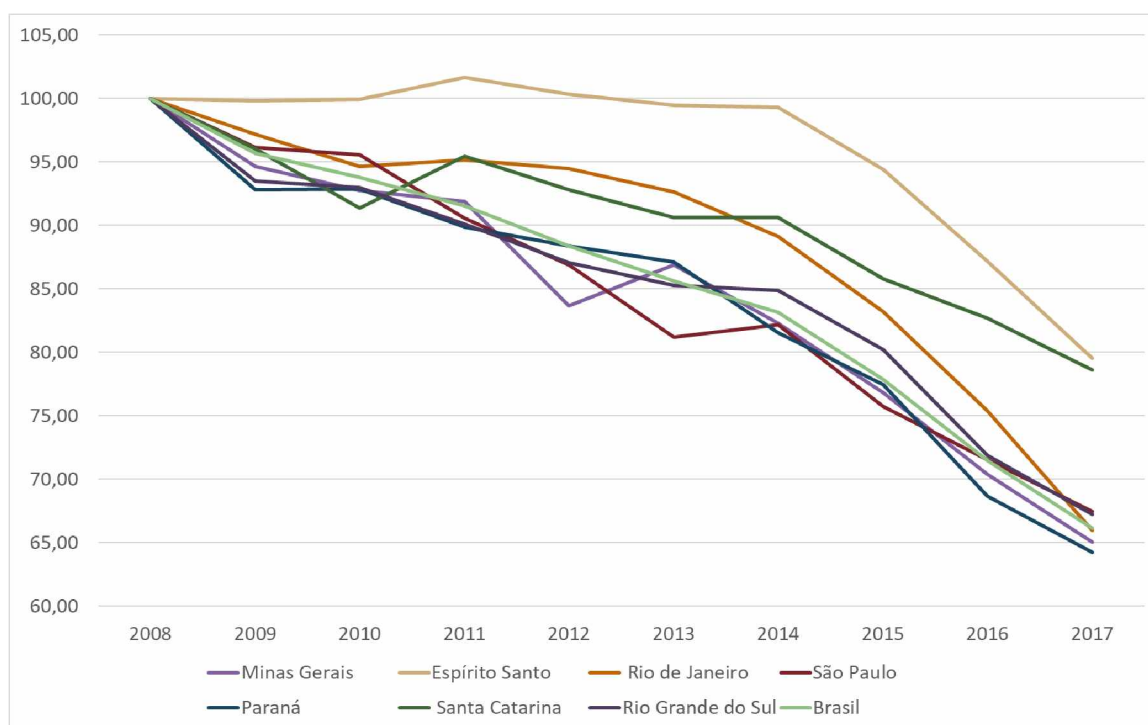
Elaboração: própria.

5.2.2 Ensino Fundamental Incompleto

Nessa categoria específica, existe um padrão evidente que é a sua redução durante o período em análise – Minas Gerais, por exemplo, tem um pequeno aumento apenas em 2013 e volta a cair nos anos seguintes. O ano com mais aumentos, por outro lado foi 2011, ano que o estado demonstrou uma redução.

A partir de 2014, todos os estados, com exceção de São Paulo, apresentam redução dessa classe de empregados. O Espírito Santo é o único que estado que tem um aumento em mais de um ano.

Gráfico 12 – Empregados com ensino fundamental incompleto do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

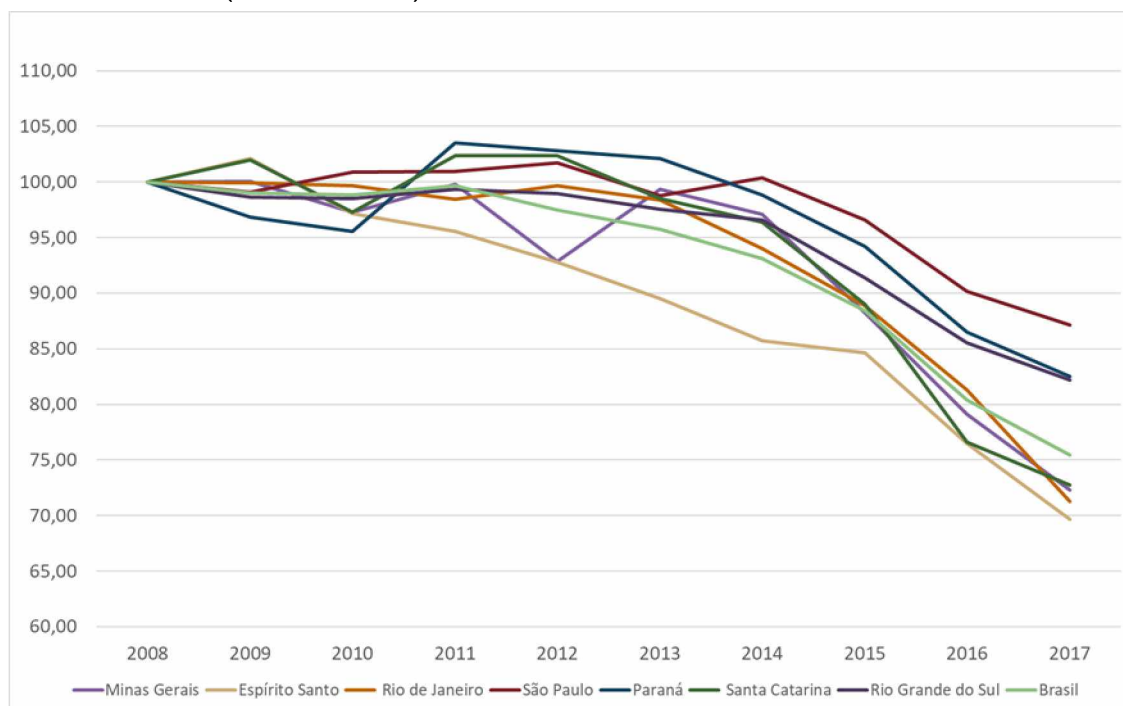
Elaboração: própria

5.2.3 Ensino Fundamental Completo

A categoria de trabalhadores com o ensino fundamental completo apresenta poucos padrões no período analisado. Entre 2008 e 2015, todos os estados apresentam variações pouco representativas. A partir de 2015, porém, todos os estados apresentam uma redução do número de trabalhadores, reduzindo para um patamar abaixo da média do período. O estado de Minas Gerais se comporta de maneira bastante similar ao Brasil no que tange à proporção de funcionários com esse nível de instrução.

No Brasil como um todo, incluindo Minas Gerais, as atividades turísticas estão ficando mais intensivas em capital humano – aumentando bem a participação dos trabalhadores com segundo grau – (o que será visto a seguir).

Gráfico 13 – Empregados com ensino fundamental completo do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)



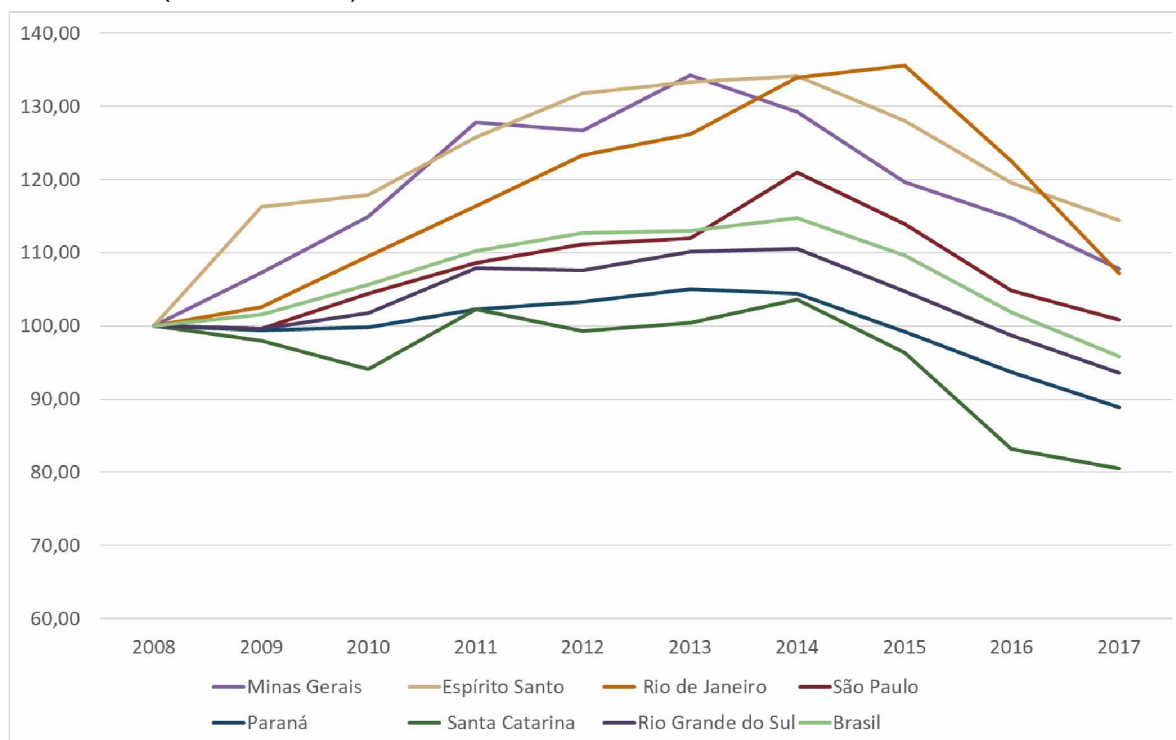
Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria.

5.2.4 Ensino Médio Incompleto

Os trabalhadores com ensino médio incompleto de Minas Gerais aumentaram entre 2008 e 2013 e depois reduzem a partir de 2014, o que é um padrão percebido em todos os estados do Sudeste, porém, sem nunca atingir o mesmo patamar apresentado no primeiro ano de análise. Os estados do Sul, diferentemente, oscilam até 2014 e depois começam a cair, mas, atingindo patamares inferiores aos apresentados em 2008. Analisando nacionalmente, essa classe de trabalhadores cresce nos primeiros 7 anos, e depois entra em declínio, o que é bastante similar ao apresentado no Sudeste, mas em 2017, o número de trabalhadores dessa classe no país é menor que o inicial. O estado de Minas Gerais é o que apresenta maior crescimento no período.

Gráfico 14 – Empregados com ensino médio incompleto do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

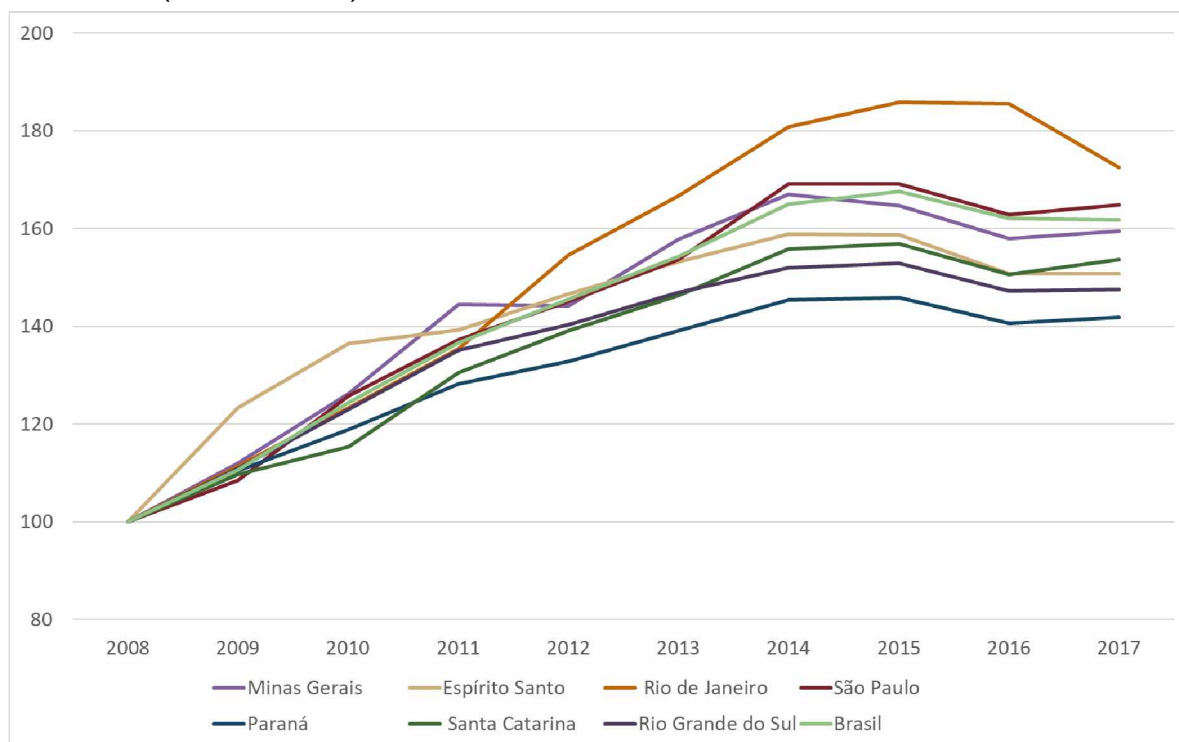
Elaboração própria

5.2.5 Ensino Médio Completo

Antes de realizarmos qualquer análise sobre a quantidade de trabalhadores com ensino médio completo que são empregados turísticos, é importante, pontuar que se trata da classe mais representativa dentro do setor – quase 50% de todos os empregados estão nessa classe.

À primeira vista já podemos perceber um crescimento significativo entre 2008 e 2017, sendo que em todos os anos até 2014, verifica-se crescimento em todos os estados, com exceção de Minas Gerais, que testemunhou uma pequena redução em 2012. Além disso, em 2016, todos os estados apresentam uma redução - na maioria das unidades federativas é a única redução verificada no período. E, em 2017, só o estado do Rio de Janeiro e o Brasil não voltam a crescer. Excluindo o estado do Rio de Janeiro, que cresceu em grandes proporções, apesar de não retomar no último ano, Minas Gerais é um dos que apresenta um dos maiores crescimentos.

Gráfico 15 – Empregados com ensino médio completo do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)

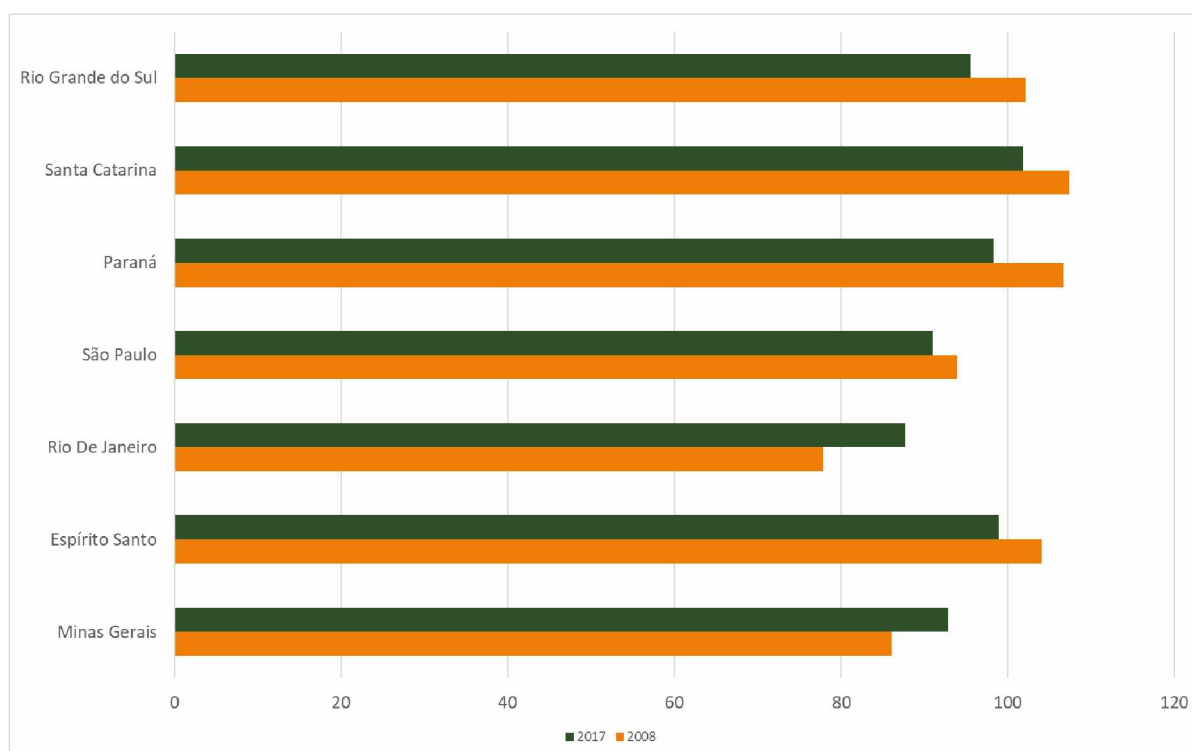


Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

Assim como no caso da classe de analfabetos, ao analisarmos o Índice de Especialização, podemos enxergar a representatividade dessa classe no universo de funcionários e, assim, perceber as preferências de empregados com o passar do tempo. Dessa vez, o estado de Minas Gerais, juntamente com o estado do Rio de Janeiro, apresentou um aumento da representatividade desse tipo de trabalhador, enquanto nos outros estados existe uma evidente redução. Não se pode afirmar que os trabalhadores analfabetos foram substituídos pelos que detinham ensino médio completo, mas pode-se perceber uma busca dos empregadores por trabalhadores com maior grau instrução.

Gráfico 16 – Representatividade empregados com ensino médio completo do turismo, 2008 = 100 (2008 x 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

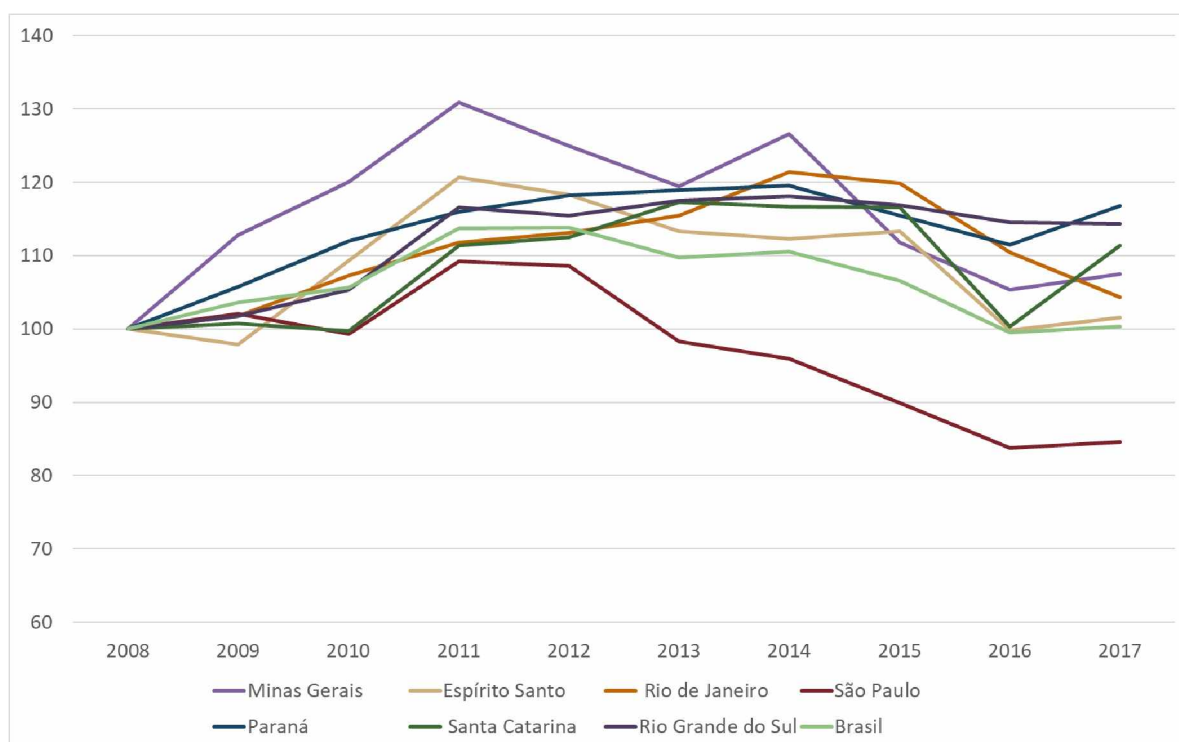
Elaboração: própria.

5.2.6 Ensino Superior Incompleto

A classe de trabalhadores com ensino superior completo também é pouco representativa no universo de análise. O estado de Minas Gerais oscila bastante nos anos de análise e não existe um padrão universal ou regional – os únicos períodos que não há divergência no comportamento são 2011, que todos crescem, e 2016, que todos apresentam uma redução desse número de trabalhadores. Em 2015, excluindo o estado do Espírito Santo, existe uma redução do número em todos.

Existe uma grande similaridade entre o comportamento de Minas Gerais e o do Brasil, de forma que o único momento que existe uma diferença é no ano de 2012, em que o país aumenta seu número de trabalhadores com ensino superior incompleto e o estado não. É importante pontuar que a intensidade de crescimento vista em Minas Gerais nos primeiros quatro anos é a maior do período e que apenas São Paulo apresenta um número de trabalhadores menores que o inicial após o período de análise.

Gráfico 17 – Empregados com ensino superior incompleto do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

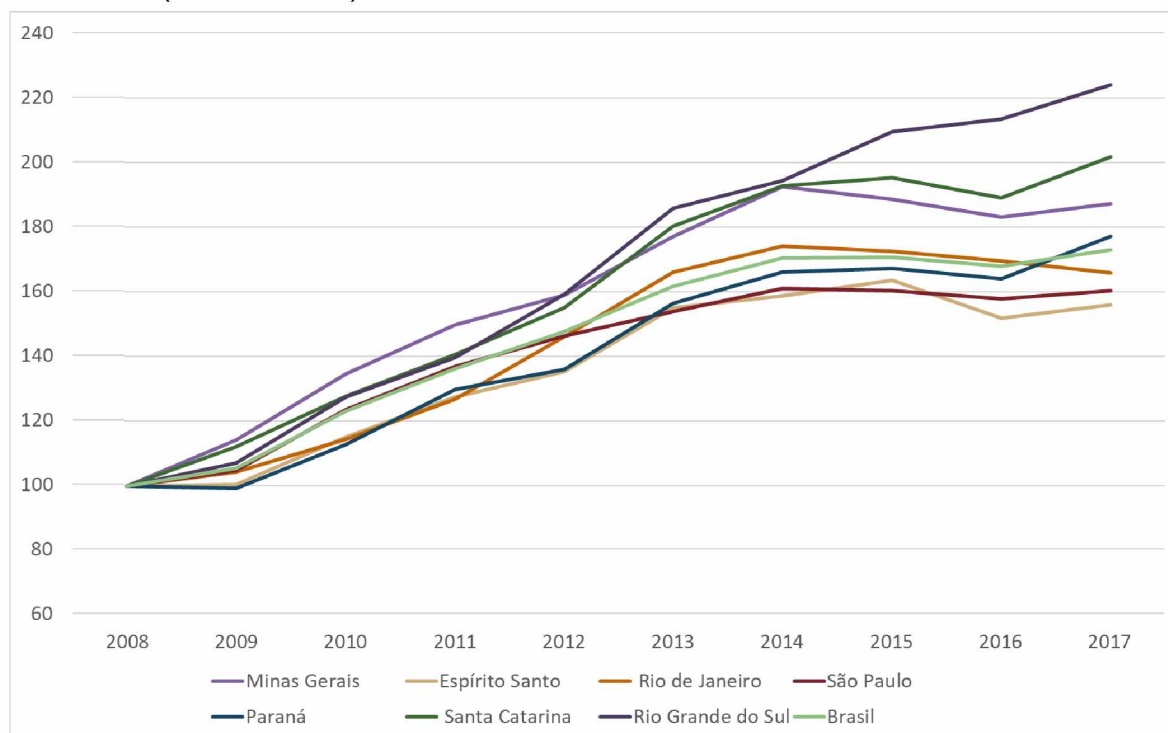
Elaboração: própria

5.2.7 Ensino Superior Completo

A classe de trabalhadores com ensino superior completo apresenta um grande crescimento em todos os estados analisados até 2014, sendo que apenas o estado do Paraná apresenta uma redução, porém, muito pequena nos primeiros 6 anos da análise. O crescimento dessa classe é tão significativo que os estados do Rio Grande do Sul (que é o único estado que cresce todos os anos) e de Santa Catarina, em determinado momento, dobram a quantidade de trabalhadores em relação ao inicial. É importante pontuar, também, que em 2014, ocorreu a Copa do Mundo de Futebol no Brasil e Minas Gerais foi um dos estados sede.

Minas Gerais se comporta de forma similar a São Paulo e Rio de Janeiro, com crescimento entre 2008 e 2014 e reduções nos anos de 2015 e 2016, mas retomando o crescimento em 2017, além de ter a maior taxa de crescimento até 2011. O Brasil tem apenas a diferença de não apresentar redução em 2015.

Gráfico 18 – Empregados com ensino superior completo do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)

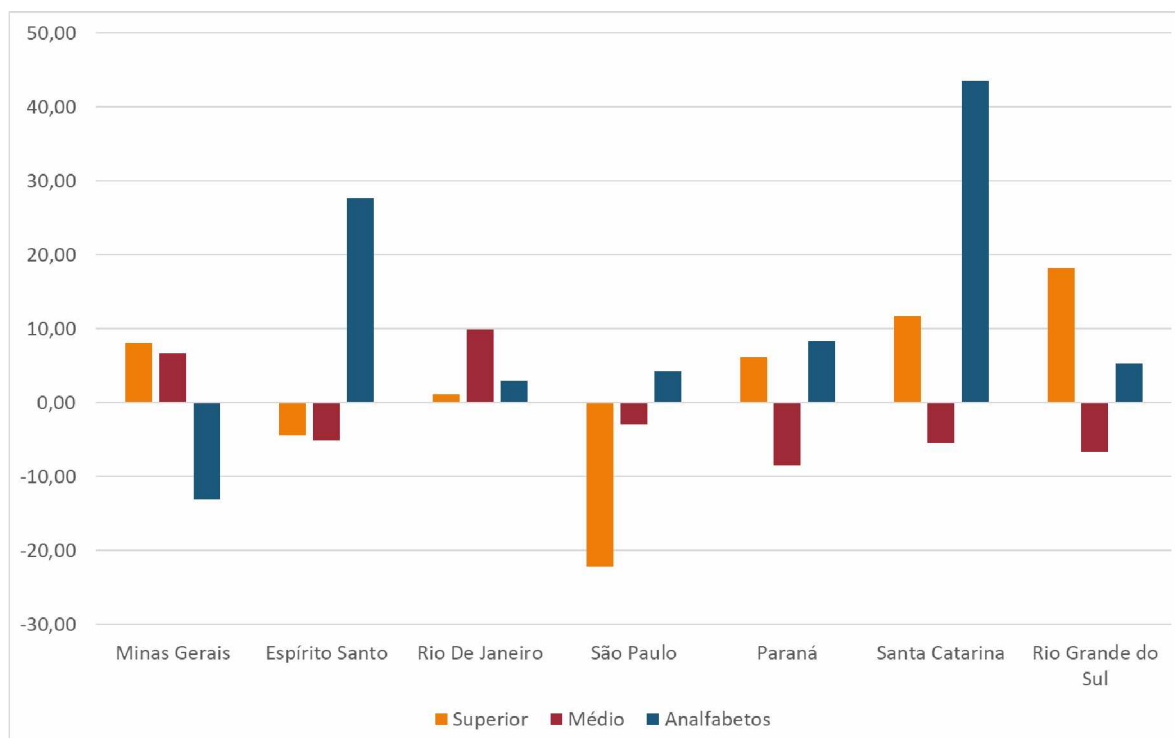


Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria.

A representatividade dos trabalhadores com ensino superior completo não apresenta um padrão de variação como nos outros casos analisados – São Paulo apresenta uma grande redução e o Rio Grande do Sul um grande aumento, por exemplo. O estado de Minas Gerais apresenta o terceiro maior aumento dessa representatividade dentro dos analisados. O Gráfico 19 permite comparar a variação da representatividade de cada estado por classe de trabalhadores – de forma que é possível perceber, por exemplo, que a variação da representatividade em Minas Gerais se comporta de maneira oposta aos estados do Espírito Santo e São Paulo e que, também, os estados do Sul se comportam, todos, da mesma maneira, mas com diferentes intensidades. Outro ponto interessante é que Minas Gerais é o único estado, entre os analisados, que reduz a proporção de analfabetos e ao mesmo tempo aumenta a de trabalhadores com ensino superior e médio completo.

Gráfico 19 – Variação da representatividade dos empregados entre 2008 e 2017



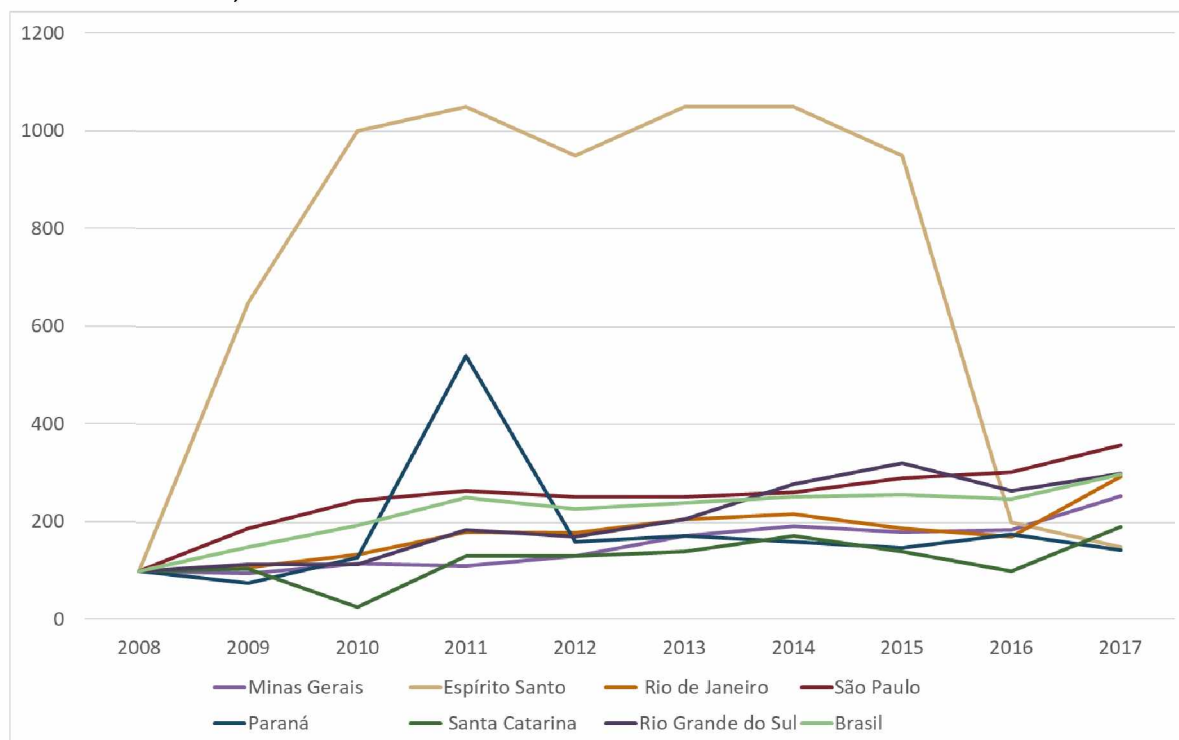
Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

5.2.8 Pós-Graduação

Os trabalhadores do turismo com mestrado e/ou doutorado são a classe com menor expressão, portanto, qualquer variação do número absoluto dos empregados altera muito o índice. O estado de Minas Gerais é o terceiro com mais funcionários neste nível de qualificação, mas ainda assim, os dois primeiros estados dessa categoria, São Paulo e Rio de Janeiro, acumulam mais de 50% do total de funcionários. Embora exista reduções pontuais do número de trabalhadores, ao compararmos o valor final com o inicial, todos os estados demonstram um grande crescimento. O estado do Espírito Santo se comporta de maneira totalmente diferente dos outros estados da análise, isso ocorre, pois, o número absoluto de trabalhadores dessa classe é muito pequeno (inicialmente são apenas dois e, em certo momento, chega a ser de mais de 20, mas retorna para três no último ano de análise)

Gráfico 20 – Empregados com pós-graduação do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

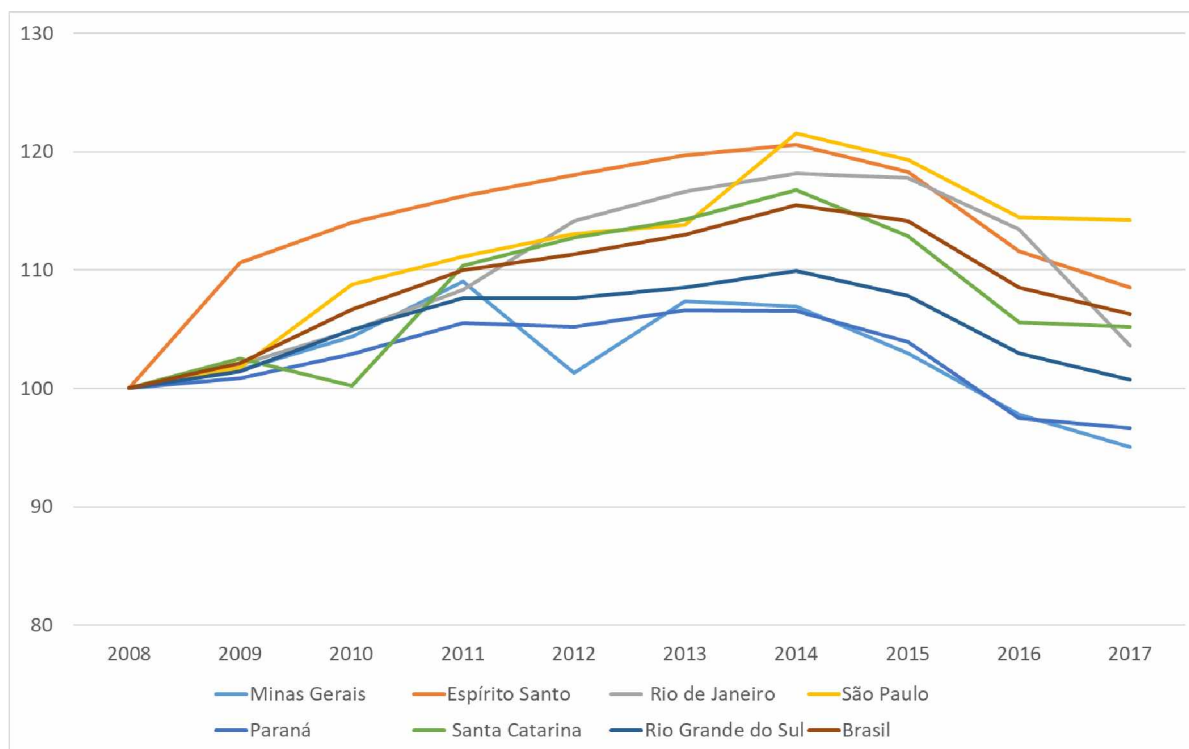
Elaboração: própria

5.2.9 Sexo Masculino

Também podemos separar os trabalhadores do turismo baseado no sexo desse empregado e comparar o estado de Minas Gerais com as outras unidades federativas. O primeiro caso analisado será o dos trabalhadores do sexo masculino por serem a maioria. O estado de Minas Gerais apresenta um crescimento até em 2011, com uma breve redução em 2012, mas que volta a crescer no ano seguinte. A partir de 2015, essa classe presencia uma redução até chegar em um número menor que o inicial em 2016 e se manter assim. O estado do Paraná também se comporta da mesma maneira.

Existe um certo padrão percebido no período: Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e o próprio Brasil crescem nos primeiros sete anos de análise. A partir daí todos reduzem, mas nunca chegam em um valor menor que o inicial. O estado de Santa Catarina apresenta oscilações e depois, como todos, em 2015 começa a reduzir.

Gráfico 21 – Empregados do sexo masculino do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)

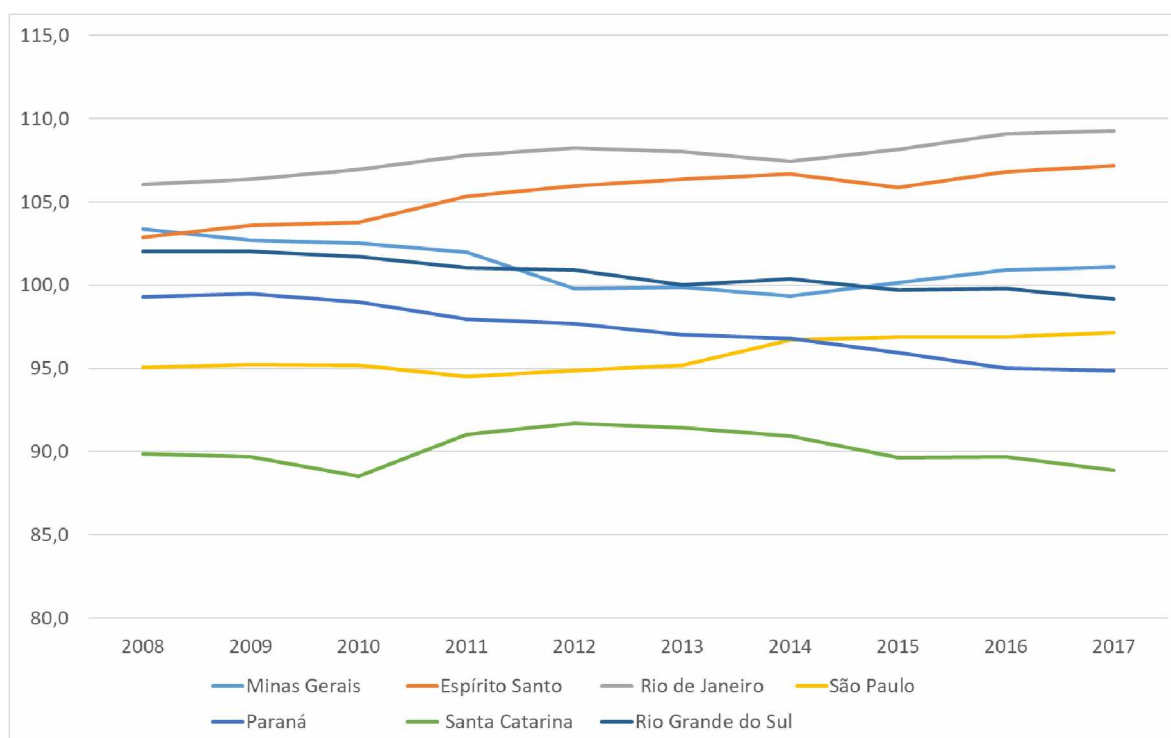


Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

A representatividade dos trabalhadores do sexo masculino de Minas Gerais varia muito pouco no período analisado, apresentando pequenas reduções até 2012, com um pequeno aumento em 2013 e no ano seguinte uma nova redução. A partir de 2015, porém, a representatividade da classe começa a aumentar. O conjunto dos estados da região Sudeste (excluindo MG) se comporta de forma diferente – com um crescimento em todos os anos, com exceção de 2011, que acontece uma pequena redução. Alguns estados, como o Paraná e o Rio Grande do Sul, reduzem a representatividade dessa classe em todo o período. O Rio Grande do Sul e Espírito Santo oscilam, enquanto São Paulo com pouquíssimas variações no período.

Gráfico 22 – Representatividade empregados do sexo masculino do turismo – 2008 a 2017



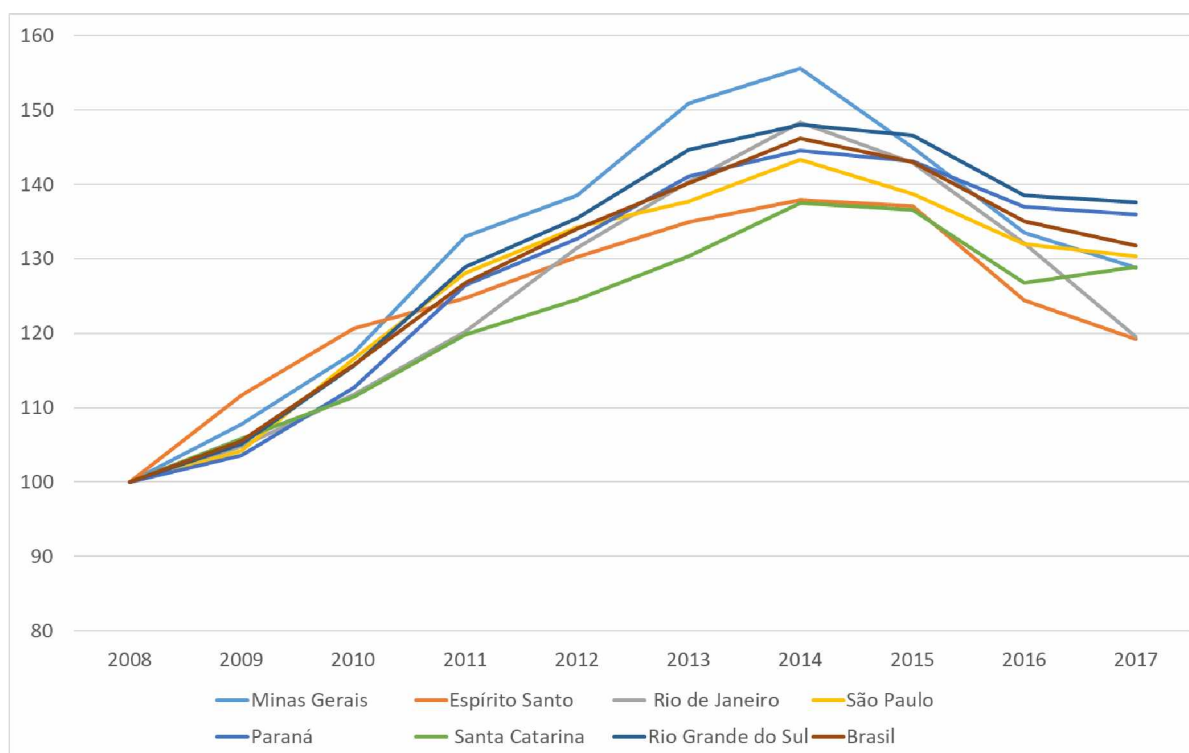
Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

5.2.10 Sexo Feminino

Os trabalhadores do sexo feminino, como já citado anteriormente, são a minoria, porém, ainda necessitam serem analisados. Existe um claro padrão que é percebido em todos os estados analisados, inclusive em Minas Gerais: crescimento até 2014, com um período de redução se iniciando em 2015 e seguinte até o fim, porém, sem nunca atingir um valor menor do que o inicial. Minas Gerais, em 2017, mesmo após as reduções, apresenta um valor mais alto do que em 2010.

Gráfico 23 – Empregados do sexo feminino do Turismo, 2008 = 100 (2008 a 2017)

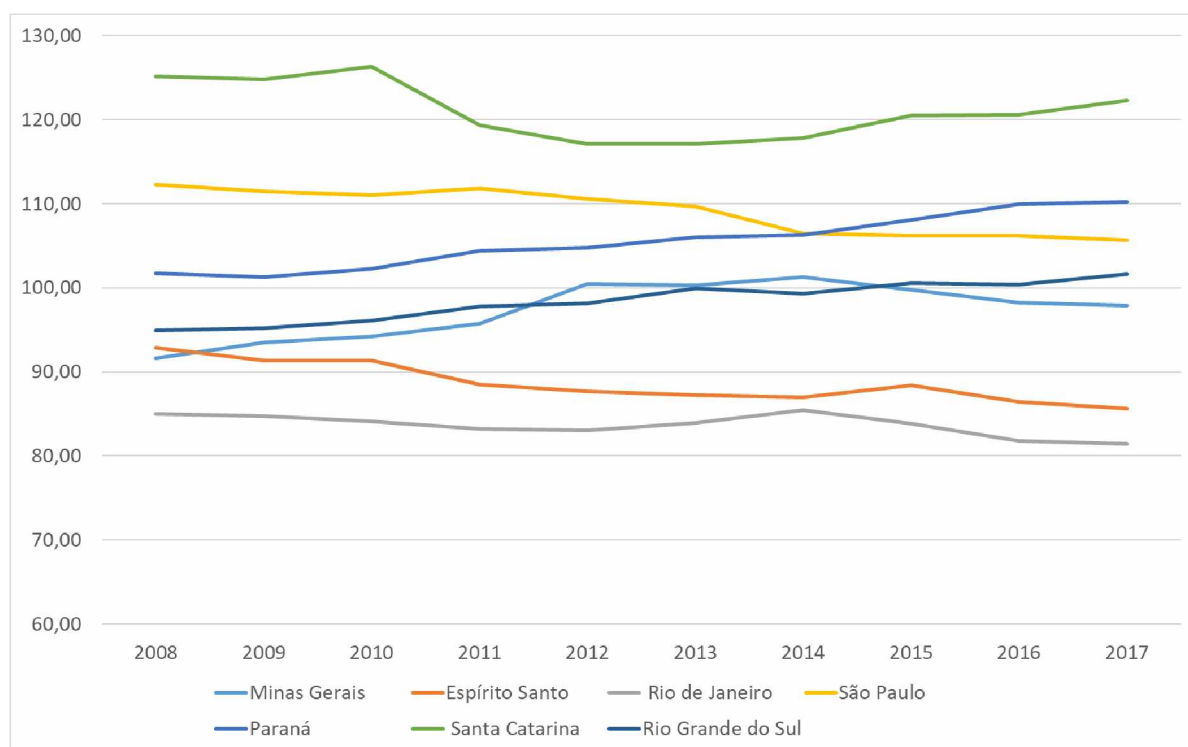


Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

A representatividade feminina no turismo em Minas Gerais aumenta até 2014 e começa a reduzir em 2015 e segue assim até 2017. O Sudeste como região (excluindo MG) reduz em todos os anos de análise. Os outros estados oscilam no período, mas acabam reduzindo essa representatividade ao final, de forma que apenas o Paraná aumenta, portanto, ao compararmos 2008 com 2017, apenas esse estado e Minas Gerais cresceram em representatividade dos trabalhadores do sexo feminino.

Gráfico 24 – Representatividade empregados do sexo feminino do turismo (2008 a 2017)



Fonte: Dados básicos: RAIS, Ministério do Trabalho.

Elaboração: própria

6 ANALISANDO ECONOMETRICAMENTE OS IMPACTOS DA VARIAÇÃO DO CICLO ECONÔMICO NO SETOR TURÍSTICO

Foram realizados testes econométricos sobre as variáveis que expressam a realidade do cenário econômico, de forma a tornar a análise realizada nesse trabalho mais profunda, buscando observar se existe alguma possível relação entre o número de empregados no setor turístico e o momento econômico.

Os testes foram realizados no software Stata, com dados em painel, as observações são consideradas em duas dimensões - uma delas é a unidade amostral e a outra é o tempo. dos empregos turísticos em Minas Gerais e no Brasil com os valores mensais entre janeiro de 2008 e dezembro de 2017. A utilização desse tipo de dados possibilita testar a estacionariedade da relação entre as variáveis dependente e explicativa ao longo do tempo. A utilização da estatística aumenta a confiabilidade da análise de dados, na medida em que permite inferir resultados e apontar relações com maior robustez.

Os resultados observados com os testes de regressão são significativos e possibilitam entender mais o fenômeno envolvendo os empregos do setor turístico. Antes de analisarmos separadamente os resultados, será feita uma breve comparação entre o comportamento nacional e o estadual dos empregos totais. Em anexo, estão as tabelas com os resultados econométricos de cada regressão estimada. Nas regressões feitas, a variável dependente sempre é o logaritmo do total de trabalhadores do turismo, separados pelo nível de instrução ou pelo sexo, e as variáveis independentes são a taxa de desemprego mensal, a taxa de câmbio e o índice IBC –serão feitas análises separadas para cada variável independente para facilitar esse processo. Como nas tabelas 2 e 3, em que se compara o número de empregados totais do turismo, ora em Minas Gerais, ora no Brasil, com as variáveis citadas anteriormente. Todos os resultados econométricos obtidos serão apresentados em no Apêndice 1 ao final do trabalho⁴.

⁴ No lugar de apresentar no texto principal cada regressão feita e analisá-las, preferiu-se reportá-las no apêndice e apresentar no texto os resultados referentes às variáveis independentes utilizadas. Isto foi feito para facilitar a comparação dos diferentes efeitos das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes estudadas, ou seja, o nível de emprego formal de cada subgrupo especificado.

Tabela 2 – Resultado regressão – Empregos turísticos MG x Desemprego MG; câmbio real-dólar; IBC-MG

Coeficiente Desemprego	Desvio Padrão	P Valor	Coeficiente Câmbio	Desvio Padrão	P Valor	Coeficiente IBC-MG	Desvio Padrão	P Valor
-.0345676	.0030804	0.000	.1115041	.0114944	0.000	.2193193	.0542001	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 3 – Resultado regressão – Empregos turísticos BR x Desemprego BR; câmbio real-dólar; IBC-BR

Coeficiente Desemprego	Desvio Padrão	P Valor	Coeficiente Câmbio	Desvio Padrão	P Valor	Coeficiente IBC-BR	Desvio Padrão	P Valor
-.0441078	.0036776	0.000	.1888707	.0096869	0.000	.2028627	.0704932	0.005

Fonte: Elaboração Própria

As características dos empregos turísticos em Minas Gerais e seu comportamento a partir das variações na questão do emprego, câmbio e desenvolvimento econômico, apresentados na Tabela 2, são muito similares aos comportamentos desses empregos em cenário nacional – Tabela 3. Em ambos os casos, por exemplo, com um aumento do número de desempregados, ora regionalmente, ora nacionalmente, existe uma redução da quantidade de trabalhadores do turismo (3% e 4%, respectivamente). A semelhança também se entende ao analisarmos o impacto do câmbio e do desenvolvimento econômico – no primeiro caso, quando a nossa moeda fica menos valiosa e o dólar mais caro, uma das saídas para conseguir viajar é optar por uma rota doméstica, o que implicaria em um aumento de demanda por serviços turísticos nacionais, e por consequência, do número de trabalhadores. O cenário nacional se mostra mais sensível a essa variação, muito por considerarmos que Minas Gerais não é um dos principais destinos no país, e portanto, esse aumento de demanda local possa ser mais refletido em outros destinos como Rio de Janeiro e alguns estados da região nordeste (aproximadamente 19% de aumento no Brasil e 11% para Minas a cada aumento de 1% no câmbio). O segundo caso também apresenta um aumento do número de trabalhadores quando existe um ciclo de expansão, Minas Gerais e Brasil aumentando na casa dos 20%, reforçando a ideia que o setor turístico consiste em um setor cíclico,

ou seja, quando a economia está em um período de crescimento, assim também está o setor.

6.1 Coeficiente do Desemprego

Como dito anteriormente nesse trabalho, a taxa de desemprego é uma variável que possibilita perceber o cenário econômico de um determinado local, já que é inversamente proporcional ao PIB – quando a economia está em expansão, o desemprego reduz. Como vimos em uma análise sem subdivisões, o setor se comporta de forma cíclica, mas é importante entendermos se todos os perfis de empregados sentem da mesma forma essa variação. Nas tabelas 4 e 5, as variáveis dependentes são o total de trabalhadores de cada classe e a independente é a taxa de desemprego, na Tabela 4 o mineiro, na Tabela 5 o brasileiro.

Tabela 4 – Resultado regressão – Empregos turísticos MG x Desemprego MG; separados por grau de instrução e sexo.

Categoria	Coeficiente Desemprego	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	.1771533	.0214391	0.000
Até 5ª Incompleto	-.0658064	.0070112	0.000
5ª Completo Fundamental	.0322315	.0053901	0.000
6ª a 9ª Fundamental	.0188892	.0047248	0.000
Fundamental Completo	-.0091283	.003023	0.003
Médio Incompleto	-.0555918	.005808	0.000
Médio Completo	-.0761446	.0085222	0.000
Superior Incompleto	-.0492417	.00571	0.000
Superior Completo	-.0929731	.0102648	0.000
Fem MG	-.0784497	.0068732	0.000
Masc mg	-.0157644	.0021831	0.000
Total MG	-.0345676	.0030804	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

Analisando a Tabela 4, percebemos que apenas os trabalhadores das categorias ‘Analfabetos’, ‘6º a 9º Fundamental’, e ‘5º Completo Fundamental’ apresentam um aumento do número de trabalhadores quando existe um crescimento do desemprego, ou seja, o emprego no setor turístico da mão-de-obra menos qualificada seria anticíclica, ao contrário da mais qualificada que seria cíclica. A categoria que apresenta maior aumento é a dos analfabetos – talvez explicada pelo fato de ser uma mão de obra mais barata, e o empregador substituir a mão de obra

mais qualificada por essa. Outro ponto interessante que é possível perceber, é que tanto os trabalhadores do sexo feminino, quanto do sexo masculino, apresentam reduções quando o desemprego aumenta.

A partir da tabela da Tabela 5, é possível perceber que o comportamento dos empregos no Brasil é bastante similar ao que acontece no cenário mineiro – com a única diferença que os empregados na faixa do 6º ao 9º Fundamental acompanham o cenário global e sofrem uma redução em uma situação de aumento de desemprego. Assim, em nível nacional, o emprego no turismo da mão-de-obra menos qualificada também seria anticíclico. Entretanto, em menor grau (somente até os trabalhadores com 5º ano fundamental completo).

Tabela 5 – Resultado regressão – Empregos turísticos BR x Desemprego BR; separados por grau de instrução e sexo

Categoria	Coeficiente Desemprego	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	.0191552	.0040337	0.000
Até 5ª Incompleto	-.0260354	.0021841	0.000
5ª Completo Fundamental	.042598	.0060769	0.000
6º a 9º Fundamental	-.0635774	.0068289	0.000
Fundamental Completo	-.0000861	.0023514	0.971
Médio Completo	-.0880797	.0088892	0.000
Médio Incompleto	-.0351847	.0025666	0.000
Superior Completo	-.1002439	.0091222	0.000
Superior Incompleto	-.0353686	.0045646	0.000
Fem BR	-.0783644	.0066417	0.000
Masc BR	-.028699	.0024562	0.000
Total BR	-.0441078	.0036776	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

6.2 Coeficiente do Câmbio

O câmbio não possui uma relação tão direta com a economia como a taxa de desemprego, mas é, sem dúvida, um outro mecanismo que ajuda a moldar a imagem que estamos construindo do cenário econômico. Além disso, o câmbio é um determinante do turismo interno, já que com uma moeda desvalorizada (em relação ao dólar), fica mais caro viajar para os principais destinos turísticos mundiais, voltando

as prioridades para destinos locais. Do mesmo modo, isto torna o turismo feito no Brasil mais barato para os estrangeiros (incentivando-os a vir nos visitar).

Nas tabelas a seguir, a variável independente será a taxa de câmbio. Na Tabela 6, podemos perceber que quando existe um encarecimento do dólar em relação ao real, não existe um padrão de comportamento para dentro das faixas separadas pelo nível educacional, mas é importante pontuar que as faixas como 'Médio Completo' e 'Superior Completo' apresentam um grande aumento. Os trabalhadores do sexo feminino também apresentam um crescimento muito maior do que os do sexo masculino. Uma possível explicação para isto é a mudança do perfil do turista médio com a desvalorização cambial. Caso isto implique em substituição de turismo interno pelo externo, é possível pensar que este turista (que viajaria ao exterior) seja mais exigente. A princípio, uma desvalorização do real implicaria em um maior nível de emprego para a maioria das classes analisadas.

Tabela 6 – Resultado regressão – Empregos turísticos MG x taxa de câmbio; separados por grau de instrução e sexo

Categoria	Coefficiente Câmbio	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	-.3069185	.1031042	0.004
Até 5ª Incompleto	.4101812	.0226738	0.000
5ª Completo Fundamental	-.3891374	.0179013	0.000
6ª a 9ª Fundamental	-.3011303	.0198458	0.000
Fundamental Completo	-.1212047	.0126955	0.000
Médio Completo	.4251495	.0333989	0.000
Médio Incompleto	.1099486	.0218217	0.000
Superior Completo	.5544869	.0394752	0.000
Superior Incompleto	-.0153567	.0248914	0.539
Fem MG	.3372833	.025324	0.000
Masc mg	.0111738	.0076361	0.147
Total MG	.1115041	.0114944	0.000

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

Tabela 7 – Resultado regressão – Empregos turísticos BR x taxa de câmbio; separados por grau de instrução e sexo

Categoria	Coefficiente Câmbio	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	-.244754	.0158668	0.000
Até 5ª Incompleto	.0957319	.007059	0.000
5ª Completo Fundamental	-.4167541	.0193133	0.000
6º a 9º Fundamental	.1157607	.0186961	0.000
Fundamental Completo	-.1539777	.0103177	0.000
Médio Completo	.4743181	.0245001	0.000
Médio Incompleto	.0777542	.0076931	0.000
Superior Completo	.5251481	.0252612	0.000
Superior Incompleto	.0527848	.011869	0.000
Fem BR	.3473192	.0176209	0.000
Masc BR	.1154078	.0068225	0.000
Total BR	.1888707	.0096869	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

Como já foi falado anteriormente, o Brasil como um todo sente mais os impactos de um encarecimento do dólar, inclusive com menos faixas sofrendo redução do número de trabalhadores, apenas três contra cinco de Minas Gerais. É importante, porém, percebermos que o as faixas ‘Superior Completo’ e ‘Médio Completo’ repetem o comportamento de serem as que mais aumentam influenciadas por um aumento cambial. A diferença entre o aumento do sexo feminino e sexo masculino se reduz em cenário nacional, mas continua bastante relevante. A explicação pode ser similar àquela em nível estadual. Mais uma vez, também em nível nacional, a desvalorização cambial implicaria em aumento do nível de emprego da maioria das categorias analisadas.

6.3 Coeficiente IBC

Como o PIB não é um indicador mensal, o IBC é um mecanismo bastante eficiente para se acompanhar o desenvolvimento econômico. Esse índice gerado pelo Banco Central possibilita comparar o comportamento dos empregos turísticos, diretamente com o cenário econômico- sua vantagem é sua disponibilidade mensal, inclusive para os estados brasileiros - e será usado a seguir como variável independente na regressão.

Tabela 8 – Resultado regressão – Empregos turísticos MG x índice IBC-MG; separados por grau de instrução e sexo

Categoria	Coefficiente IBC-MG	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	-1.472.649	.3455264	0.000
Até 5ª Incompleto	.5883357	.1259392	0.000
5ª Completo Fundamental	-.4233756	.1073892	0.000
6ª a 9ª Fundamental	-.4142548	.0948378	0.000
Fundamental Completo	-.1153395	.0459255	0.014
Médio Completo	.6680597	.1615676	0.000
Médio Incompleto	.347963	.0874013	0.000
Superior Completo	.9129986	.1971042	0.000
Superior Incompleto	.2638144	.0868532	0.003
Fem MG	.6439772	.1239302	0.000
Masc mg	.0395595	.033797	0.245
Total MG	.2193193	.0542001	0.000

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

É perceptível um padrão na variação que acontece com a variação do Índice de Atividade Econômica. Os trabalhadores que mais se beneficiaram de uma expansão do cenário econômico são aqueles com nível educacional mais elevado, principalmente àqueles com ensino superior completo. Além disso, percebe-se uma redução significativa do número de trabalhadores analfabetos quando a economia passa por um cenário de expansão. Ou seja, o emprego das classes menos educadas seria contra cíclico. É possível que em períodos de expansão, a mão-de-obra não qualificada seja substituída por mão-de-obra mais qualificada (e vice-versa). Também se repete o padrão dos trabalhadores do sexo feminino aumentarem mais do que os do sexo masculino.

Tabela 9 – Resultado regressão – Empregos turísticos BR x índice IBC-BR; separados por grau de instrução e sexo

Categoria	Coeficiente IBC-BR	Desvio Padrão	P Valor
Analfabetos	-.2829862	.0948452	0.004
Até 5ª Incompleto	.1027638	.040703	0.013
5ª Completo Fundamental	-.3273605	.1385542	0.020
6ª a 9ª Fundamental	.2475831	.1217443	0.045
Fundamental Completo	-.1237801	.0581059	0.036
Médio Completo	.4984857	.1810304	0.007
Médio Incompleto	.0692143	.0449777	0.127
Superior Completo	.6131489	.18519	0.001
Superior Incompleto	.0754351	.0848894	0.376
Fem BR	.3765524	.1275097	0.004
Masc BR	.1287604	.046828	0.007
Total BR	.2028627	.0704932	0.005

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: Dados de janeiro de 2008 a dezembro de 2017.

Ao compararmos Minas Gerais com o Brasil, percebemos mais semelhanças com os resultados alcançados na comparação a partir da variação do câmbio. Além de existirem menos categorias que reduzem o número de trabalhadores quando existe uma expansão econômica, apenas três, também existe uma redução da diferença entre a variação dos empregados do sexo masculino e do feminino. Do mesmo modo, o nível de emprego da mão-de-obra menos qualificada seria contra cíclico no setor turístico, ao contrário da mão-de-obra com maior nível de educação formal.

Analisando os três coeficientes gerados, podemos perceber que, em Minas Gerais, apenas os grupos 'Analfabetos', '6º a 9º Fundamental', e '5º Completo Fundamental' sempre se comportam de forma anticíclica e que, no Brasil, apenas o primeiro e o último seguem esse padrão. O grupo 'Fundamental Completo' se comporta da mesma maneira nos dois recortes – uma pequena variação cíclica em relação ao desemprego e anticíclica a partir dos outros coeficientes. No geral, o setor, tanto em Minas Gerais, quanto no Brasil, se comporta de forma cíclica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é uma das atividades econômicas que mais cresceu nos últimos anos ao redor do mundo, com um aumento relativo do número de empregos maior que a média geral. No Brasil e em Minas Gerais, no entanto, encara-se uma grave crise econômica nos últimos anos, com um aumento do número de desempregados e uma profunda recessão econômica. A compreensão cada vez maior do comportamento de atores da economia possibilita uma atuação mais efetiva do poder público.

Portanto, foi pensado em analisar o setor turístico em Minas Gerais como gerador de empregos nas diversas fases do ciclo econômico para entender o seu comportamento. Essa análise foi feita a partir de um estudo sobre a evolução do número de empregos gerados pelo turismo em Minas Gerais a partir de 2008, comparando a relação entre esses empregos e o ciclo econômico de Minas Gerais e do Brasil, e comparando os empregos nacionais e locais entre si.

Essas análises foram feitas para comprovar se o setor turístico mineiro e nacional se comporta de forma cíclica ou anticíclica. Os resultados mostram que esse setor, tanto em Minas Gerais, quanto no Brasil, se comporta de forma cíclica. Os resultados obtidos a partir das regressões demonstram que, quando o país/estado está em um período de recessão, existe uma retração também do setor turístico.

Ao separarmos os trabalhadores do setor por nível educacional e sexo, entretanto, podemos perceber que os grupos não sentem os efeitos das variações da mesma maneira, de forma que, os trabalhadores com mais estudo, com ensino médio completo e ensino superior completo, por exemplo, aumentam sua representatividade em épocas de prosperidade econômica enquanto os trabalhadores analfabetos ou que não concluíram o ensino fundamental tem sua representatividade reduzida. Ou seja, o emprego destes trabalhadores menos qualificados apresentaria um comportamento anticíclico.

São apontadas algumas limitações deste trabalho. A primeira delas é, sem dúvida, a limitação de alguns dados e estatísticas que poderiam deixar a análise mais profunda, como por exemplo o PIB, que não possui uma série mensal, precisando ser substituído pelo IBC. Outras limitações são: a mudança de metodologia do indicador de desemprego produzido pelo governo federal; a impossibilidade de se explicar, com

certeza, a razão da substituição da mão de obra menos qualificada por uma mão de obra mais qualificada em momentos de expansão econômica; e, a diferença de informações obtidas entre as bases de dados do governo federal.

Por fim, são sugeridas ainda algumas linhas de pesquisa complementares a este trabalho. Primeiro, uma pesquisa comparativa entre o comportamento dos empregos turísticos em estados com um cenário similar ao apresentado em Minas Gérias, de modo a entender melhor como cada um deles responde aos estímulos da economia, além de um estudo comparativo entre o setor turístico mineiro e outros setores de serviço para comparar como cada um se comporta; e, um estudo qualitativo com os maiores empregadores do setor turístico para entender as preferências entre os tipos de empregados e compará-los por faixa salarial.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel A. **Administración del turismo**. México: Editorial Trillas, 1984.
- ANDRADE, J.V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.
- ARAÚJO, Luiza. **O desenvolvimento do turismo e população local**. Fortaleza, 1998.
- ARAÚJO, Luiza. **O desenvolvimento do turismo nacional**. Fortaleza, 2012.
- BACELAR, Jonildo. **História de Minas Gerais**. 2013. Disponível em: <http://www.minas-gerais.info/historia.htm>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- BARRETO, Margarita. **Planejamento e Organização em turismo**. Campinas-SP: Papyrus, 1991
- BLANCHARD, O. **Macroeconomia**. São Paulo: Editora Pearson, 2008.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Economia do Turismo - Uma Perspectiva Macroeconômica 2003-2009**. IBGE, 2009. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/economia_tur_20032009/. Acesso em 16 de novembro de 2018.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Economia do Turismo - Pesquisa Mensal de Emprego**. IBGE, 2018. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/. Acesso em 25 de novembro de 2018.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PIB avança 1,0% em 2017 e fecha ano em R\$ 6,6 trilhões**. IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20166-pib-avanca-1-0-em-2017-e-fecha-ano-em-r-6-6-trilhoes>. Acesso em 25 de novembro de 2018.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo e Mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em 15 de novembro de 2018.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo. Diretrizes, metas e programas 2003/2007**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2007/2010**. Uma viagem de inclusão. Brasília: MTur, 2007.

BOITEUX, Bayard do Coutto, WERNER, Maurício. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

DA SILVA, Kely Cristina. **A importância do turismo para o desenvolvimento econômico do estado do Espírito Santo**. Vitória, 2004.

DESPECON. **Estudos sobre a Taxa de Câmbio no Brasil**. 2004. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/arquivo-download/?id=139236pdf> Acesso em: 20 nov. 2018

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2005

ESTADO DE MINAS. **Desemprego em Minas cresce no primeiro trimestre do ano, revela IBGE**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/05/16/internas_economia,1054244/desemprego-em-minas-cresce-no-primeiro-trimestre-do-ano-revela-ibge.shtml. Acesso em 12 fev. 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em 12 de novembro de 2018

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.

KEYNES, John Maynard. **Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. 1936

LEMOS, Pedro Sanches de. **As águas thermaes de Poços de Caldas**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LIMA, Izabel. **Ciclos Econômicos e Previsão Cíclica: Um Estudo de Indicadores Antecedentes para a Economia Brasileira**. Belo Horizonte: UMFG, 2005.

MANKIW, N. G. **Macroeconomia**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MALTA, Guilherme Augusto Pereira Malta. **O turismo como projeto político e sua capacidade de indução ao desenvolvimento econômico: destinos indutores ou concentrados do desenvolvimento turístico regional em Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2018.

MATIAS, Álvaro; NIJKAMP, Peter. **Tourism Economics - Impact Analysis**. Physica Verlag. 2011

MINAS GERAIS. **Secretaria de estado da Industria, Comércio e Turismo**. 1976

MINAS GERAIS. Observatório do Turismo de Minas Gerais. **Fluxo e receita turística**. Disponível em <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/fluxo-e-receita-turistica>. Acesso em 26 fev. 2018a.

MINAS GERAIS. Observatório do Turismo de Minas Gerais. **Impacto do turismo**. Disponível em <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/economia-do-turismo>>. Acesso em 04 fev. 2018c.

MINAS GERAIS. Observatório do Turismo de Minas Gerais. **Demanda turística**. Disponível em <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/demanda-turistica>>. Acesso em 04 fev. 2018d.

NETTO, Alexandre; TRIGO, Luis Gonzaga G. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

NICOLLELA, Alexandre. **As forças de mercado da oferta e da demanda - Introdução à Economia**. 2012

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Patrimônio Mundial no Brasil 2018**. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>. Acesso em 04 fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. **Tourism Towards 2030 – Global Overview**. Madri, Espanha. UNWTO, 2018.

PEREIRA, Cássio. **A trajetória da política de turismo em Minas Gerais e o papel do poder legislativo em sua transformação**. Abril, 1999.

PIMENTEL, Fernando. **Um novo mandato para continuar mudando Minas Gerais**. 2018

RODRIGUES, A.B. Turismo e Espaço. **Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo, Hucitec, 1996

ROCHA, André. **As ações cíclicas e a análise fundamentalista**. Disponível em <https://www.valor.com.br/valor-investe/o-estrategista/3868126/acoes-ciclicas-e-analise-fundamentalista>. Acesso em 04 fev.

ROTHBARD, Murray N. **Elucidando Milton Friedman e a Escola de Chicago**. Brasil, 2011.

RUSCHMANM, Doris. **A sustentabilidade como estratégia de desenvolvimento em empreendimentos turísticos**. Santa Catarina, 2006.

SAKOWSKI, Patrícia A. **Mensurando o emprego no setor turismo no Brasil: do nível nacional ao regional e local**. Brasília. 2015

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira Santos; KADOTA, Décio Katsushigue. **Economia do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2012.

SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. **Contribuições do turismo para o desenvolvimento local.** Belo Horizonte, 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO (SEDETUR). **Plano de Desenvolvimento do Turismo no Estado do Espírito Santo (2004-2013).** Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2004.

SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do desenvolvimento econômico.** 1911.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico.** Senac: Brasil, 1995

WOOLDRIDGE, Jeffrey. **Introdução à econometria – uma abordagem moderna.** Thompson, 2002.

WORL TRAVEL AND TOURISM COUNCIL. **The economic impact of travel & tourism.** - Brazil. 2016.

WORL TRAVEL AND TOURISM COUNCIL. **The economic impact of travel & tourism.** 2017.

WORL TRAVEL AND TOURISM COUNCIL. **The economic impact of travel & tourism.** 2018.

APENDICE A

Tabela 10 - Resultado Regressão Analfabetos
MG

Variável	Coefficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	.1771533	.0214391	0.000
Câmbio	-.3069185	.1031042	0.004
IBC	-1472649	.3455264	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 105,81$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,6260$

Tabela 11 - Resultado Regressão Até 5º
Incompleto MG

Variável	Coefficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0658064	.0070112	0.000
Câmbio	.4101812	.0226738	0.000
IBC	.5883357	.1259392	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 231,83$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8325$

Tabela 12 - Resultado Regressão 5º
Fundamental Completo MG

Variável	Coefficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	.0322315	.0053901	0.000
Câmbio	-.3891374	.0179013	0.000
IBC	-.4233756	.1073892	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 292,83$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8363$

Tabela 13 - Resultado Regressão 6º a 9º
Fundamental MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	.0188892	.0047248	0.000
Câmbio	-.3011303	.0198458	0.000
IBC	-.4142548	.0948378	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 197,51$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8112$

Tabela 14 - Resultado Regressão
Fundamental Completo MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0091283	.003023	0.003
Câmbio	-.1212047	.0126955	0.000
IBC	-.1153395	.0459255	0.014

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 38,14$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,5685$

Tabela 15 - Resultado Regressão Médio
Incompleto MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0555918	.005808	0.000
Câmbio	.1099486	.0218217	0.000
IBC	.347963	.0874013	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 113,56$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,7417$

Tabela 16 - Resultado Regressão Médio Completo MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0761446	.0085222	0.000
Câmbio	.4251495	.0333989	0.000
IBC	.6680597	.1615676	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 167,63$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8078$

Tabela 17 - Resultado Regressão Superior Incompleto MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0492417	.00571	0.000
Câmbio	-.0153567	.0248914	0.539
IBC	.2638144	.0868532	0.003

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 60,89$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,6385$

Tabela 18 - Resultado Regressão Superior Completo MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0929731	.0102648	0.000
Câmbio	.5544869	.0394752	0.000
IBC	.9129986	.1971042	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 213,99$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8337$

Tabela 19 - Resultado Regressão Sexo Feminino MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0784497	.0068732	0.000
Câmbio	.3372833	.025324	0.000
IBC	.6439772	.1239302	0.000

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 233,96

Prob > F = 0,0000

R² = 0,8451

Tabela 20 - Resultado Regressão Sexo Masculino MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0157644	.0021831	0.000
Câmbio	.0111738	.0076361	0.147
IBC	.0395595	.033797	0.245

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 38,88

Prob > F = 0,0000

R² = 0,4682

Tabela 21 - Resultado Regressão Total MG

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0345676	.0030804	0.000
Câmbio	.1115041	.0114944	0.000
IBC	.2193193	.0542001	0.000

Fonte: Elaboração Própria//

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 152,16

Prob > F = 0,0000

R² = 0,7893

Tabela 22 - Resultado Regressão Analfabetos BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	.0191552	.0040337	0.000
Câmbio	-.244754	.0158668	0.000
IBC	-.2829862	.0948452	0.004

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$$F(3,94) = 261,89$$

$$\text{Prob} > F = 0,0000$$

$$R^2 = 0,8762$$

Tabela 23 - Resultado Regressão Até 5º Incompleto BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0260354	.0021841	0.000
Câmbio	.0957319	.007059	0.000
IBC	.1027638	.040703	0.013

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$$F(3,94) = 230,23$$

$$\text{Prob} > F = 0,0000$$

$$R^2 = 0,8999$$

Tabela 24 - Resultado Regressão 5º Fundamental Completo BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	.042598	.0060769	0.000
Câmbio	-.4167541	.0193133	0.000
IBC	-.3273605	.1385542	0.020

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$$F(3,94) = 401,65$$

$$\text{Prob} > F = 0,0000$$

$$R^2 = 0,9094$$

Tabela 25 - Resultado Regressão 6º a 9º
Fundamental BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0635774	.0068289	0.000
Câmbio	.1157607	.0186961	0.000
IBC	.2475831	.1217443	0.045

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 261,87$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8760$

Tabela 26 - Resultado Regressão
Fundamental Completo BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0000861	.0023514	0.971
Câmbio	-.1539777	.0103177	0.000
IBC	-.1237801	.0581059	0.036

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 146,19$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,8647$

Tabela 27 - Resultado Regressão Médio
Incompleto BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0351847	.0025666	0.000
Câmbio	.0777542	.0076931	0.000
IBC	.0692143	.0449777	0.127

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 488,81$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,9193$

Tabela 28 - Resultado Regressão Médio Completo BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0880797	.0088892	0.000
Câmbio	.4743181	.0245001	0.000
IBC	.4984857	.1810304	0.007

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 389,33$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,9115$

Tabela 29 - Resultado Regressão Superior Incompleto BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0353686	.0045646	0.000
Câmbio	.0527848	.011869	0.000
IBC	.0754351	.0848894	0.376

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 101,02$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,7186$

Tabela 30 - Resultado Regressão Superior Completo BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.1002439	.0091222	0.000
Câmbio	.5251481	.0252612	0.000
IBC	.6131489	.18519	0.001

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

$F(3,94) = 551,82$

Prob > F = 0,0000

$R^2 = 0,9289$

Tabela 31 - Resultado Regressão Sexo Feminino BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0783644	.0066417	0.000
Câmbio	.3473192	.0176209	0.000
IBC	.3765524	.1275097	0.004

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 514,49

Prob > F = 0,0000

R² = 0,9290

Tabela 32 - Resultado Regressão Sexo Masculino BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.028699	.0024562	0.000
Câmbio	.1154078	.0068225	0.000
IBC	.1287604	.046828	0.007

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 459,10

Prob > F = 0,0000

R² = 0,9187

Tabela 33 - Resultado Regressão Total BR

Variável	Coeficiente	Desvio Padrão	P Valor
Desemprego	-.0441078	.0036776	0.000
Câmbio	.1888707	.0096869	0.000
IBC	.2028627	.0704932	0.005

Fonte: Elaboração Própria

Nota: Obs = 98

F (3,94) = 523,72

Prob > F = 0,0000

R² = 0,9282